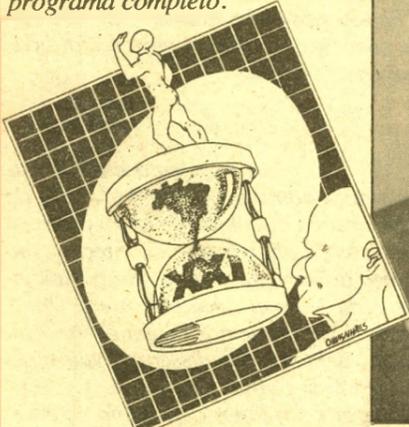
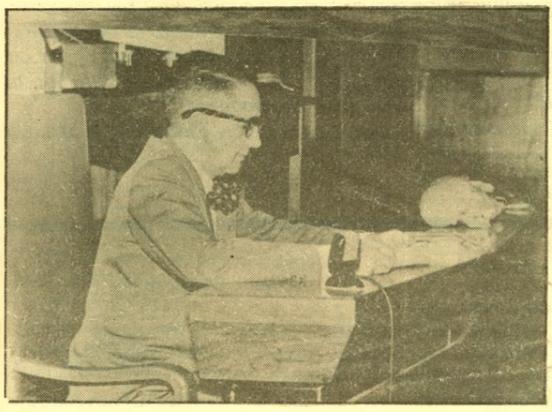
Exmº Sr.
Profº Dr. DAYR SCHIOZER
dd. Diretor da
Faculdade de Engenharia de Limeira
UNICAMP — A/C MAURO — 170

Brasil, país do futuro?

*Teóricos soviéticos, norte-americanos e europeus vêm à Unicamp, no início de julho, para ajudar o Brasil a pensar sua entrada no próximo século. É o primeiro de uma série de seis importantes seminários internacionais que se estendem até o final do ano, quando se pretende avaliar as perspectivas do país nas áreas da economia, da política, da tecnologia e da ciência, da sociedade e da cultura. Na **página 6**, uma entrevista com o idealizador do grande debate, o reitor Paulo Renato Souza. E na **página 7**, o programa completo.*

Campinas, julho de 1988 Ano II — N.º 22

As mulheres de Chico Buarque no espelho de Adélia

Januária, Carolina, Bárbara, Joana: que significado têm as mulheres nas canções de Chico? A profa. Adélia Bezerra, da Unicamp disseca o tema para os europeus, na Holanda, neste mês de julho. ***Página 10.***

A fantástica vida de Paulo Duarte

Mais de 150 mil documentos narram as peripécias de um dos intelectuais mais inquietos deste século. E, de quebra, contam boa parte da história brasileira contemporânea. Está na Unicamp todo o acervo pessoal de Paulo Duarte. Página 9

Alexandre Eulálio, a grande perda

Em plena maturidade intelectual, morre o escritor e professor do Instituto de Estudos da Linguagem, Alexandre Eulálio. Ultima página

20 anos depois, o sonho acabou?

Reprodução da Folha de S. Paulo

Reformar as estruturas, explodir o 'stablishment'', fazer a revolução: esta a essência do sonho dos jovens de 1968. A eles se aliaram nomes respeitáveis como Jean-Paul Sartre. Duas décadas depois, o que resta? A Unicamp discutiu o assunto. Página 3

Quem nos dá uma nova utopia?

Eustáquio Gomes

1

Não foi certamente Stefan Zweig quem inventou o ufanismo brasileiro. Quando o famoso biógrafo austríaco, então exilado em Petrópolis, escreveu o seu narcotizante "Brasil País do Futuro", aí por volta de 1940, a crença na predestinação nacional já se achava inoculada na alma coletiva. A um tal ponto que até estrangeiros acreditavam nela, o que explica a internacionalização, durante certa época, do dito popular de que "Deus é brasileiro".

2

Se não foi Zweig, talvez tenha sido a mística salesiana. Refiro-me a Dom Bosco. Como se sabe, ele teve um sonho. Em certa noite úmida do século dezenove, em plena Itália imperial, o santo sonhou que no coração do Brasil — assim diz a lenda — corria o leite e o mel da civilização do futuro, celeiro do mundo etc. Claro que é agradável ter-se o ego nacional afagado, então tratamos de lá instalar uma capital futurista, com avenidas tão largas quanto a estrada para Evilath.

3

Essa visão de um Brasil messiânico e intocável, transferida de uma geração a outra, atravessou incólume o Estado Novo, ganhou nuances épicas com a campanha dos pracinhas, tomou contornos trágicos na carta suicida de Vargas, robusteceu-se com o industrialismo de JK e chegou ao paroxismo no início dos anos 70, com o "milagre" de Garrastazu. Lembro-me deste, em nota oficial, esforçando-se por dar ao mundo uma interpretação quase religiosa da conquista do tricampeonato de futebol: "Identifico no sucesso de nossa Seleção de Futebol a vitória da inteligência e da bravura, da constância e da serenidade, da capacitação técnica e da consistência moral."

4

Lembram-se da marchinha de 70? "Noventa milhões em ação"... Pois há dezoito anos, à exceção de uns poucos céticos silenciosos, éramos noventa milhões à espera de um destino inexoravelmente grandioso. Quantos somos hoje? Cento e quarenta milhões, isto é, cinqüenta milhões a mais que há dezoito anos. (Reparem: em menos de duas décadas, crescemos uma Argentina e meia ou, se quiserem, dezessete Uruguais). Zweig é uma página amarelada e Dom Bosco saiu do altar para a sacristia. E Médici, agora se sabe, foi apenas um grande public relations. De modo que já não importa saber quem inventou o ufanismo brasileiro, mas sim quem o matou.

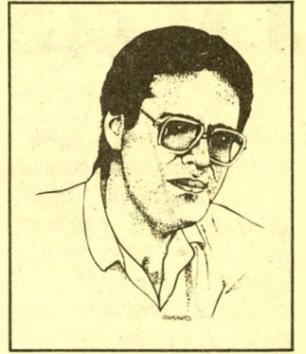
5

E, principalmente, de que morreu? Metade desses cinqüenta milhões de brasileiros que nasceram após 1970 está nas ruas, na singela condição de menores abandonados ou de adultos desqualificados. Que faz a "política social" do governo? Limita-se a não fazer política nenhuma, ou então a fingir que faz. Querem um índice conseqüente? Dez por cento da produção nacional anual de veículos (estatística do Ministério da Justiça), vão parar nas oficinas de desmonte. E enquanto o país entra firme na conexão do tráfico e os plutocratas metem a mão no cofre, os políticos (sim, há exceções) contemporizam e a gente honesta se fecha a sete chaves, com medo dos ladrões. Somem-se a isso a inflação espetacular, os juros escaldantes e o impacto psicológico da humilhante e draconiana dívida, e terão feito o exame do corpo de delito, não da nação, mas de sua cândida utopia.

6

Isto quanto ao povo. Mas por que descrêem os intelectuais? Mesmo o leigo pode ver como, hoje, as nações se organizam em grandes e sólidos blocos econômicos. Assim a Europa a partir de 1992, os Estados Unidos e o Canadá desde agora, o Japão, a Coréia e Taiwan (e talvez a China) muito em breve, sem falar no já consolidado bloco comunista. E o Brasil? Amesquinha-se num nacionalismo sem grandeza, enquanto, paradoxalmente, se submete ao pagamento de cotas escorchantes. Sequer reconhece o fenômeno da interdependência tecnológica. Provincianiza-se, coloca-se na contramão da história.

7

Dito assim sem maiores explicações, isto pode soar irresponsável e genericamente retaliativo. Claro que críticas agastadas não constroem coisa alguma, mas quem falou em destruir? As oligarquias que mantiveram em suas mãos, durante séculos, o quinto país mais extenso do mundo (verdadeiro Shangri-Lá "onde em se plantando tudo dá!") e o trouxeram a esta espécie de beco sem saída, nenhum direito têm de arrostar nem mesmo a crítica genérica, nem mesmo a mais emocional. Qualquer cidadão pode se sentir à vontade para bater no peito e dizer: "Faltou-nos competência." Se não para governar, ao menos para reivindicar governos sérios.

Eustáquio Gomes é coordenador de imprensa da Unicamp.

8

Tinha de caber mesmo a uma universidade como a Unicamp a tarefa de reabrir uma discussão de largo espectro histórico, como a que acontecerá, ao longo do ano, na série de simpósios intitulada "Brasil Século Vinte e Um". Vamos ver o que nos dizem os especialistas. Seja lá o que disserem, vale a pena lembrar Camus quando disse: "Desesperar é humano; desumano é persistir no desespero." E depois, há uma responsabilidade implícita na esperança. O passado era melhor? Outro sujeito lúcido, Ernesto Sábato, escreveu: "Há pessoas que se orgulham de seus antepassados; no entanto, é preferível orgulhar-se de ser o antepassado dos outros."

Eulálio, retrato do mestre enquanto ausente

Vinícius Dantas

"Alexandre Eulálio era uma festa para a inteligência e fugia a todas as classificações disponíveis. Porque ele não era bem nada disso que está por aí e era, sobretudo, o que sempre está faltando por aí. Por fora foi durante muitos anos um misto de secretário e burocrata da cultura como tantos; por dentro era um amante contumaz e voraz da literatura, da pesquisa, dos arquivos e documentos, da bisbilhotice histórica, dos cotidianos antigos, das ciências as mais raras e sempre em extinção.

Os contornos dessa presença singular são difíceis de descrever, prescindindo, e isto é o surpreendente, de uma obra definitiva e em si mesma fechada. Sem essa obra, mesmo assim, Alexandre teve uma influência poderosa e de tipo especialíssimo, como disseram todos os que se manifestaram sobre sua morte. Era uma influência feita de presença, de seu ritmo, de seu fôlego, de uma gulodice pelo mundo que chegava a ser comovedora — sua pessoa impregnava.

Estar com Alexandre era ganhar dias de leitura com muitas gerações, talvez as melhores. Na prosa dele a pátina do mundo reluzia, os objetos tinham existência, nome, história, origem, haviam sido fabricados nesta ou naquela cidade, por tais ou quais famílias de artesãos, através de uma técnica inventada por fulano, cujo primo emigrou para Verona onde tal poeta inglês descobriu, num mural, uma figura feminina que reaparecerá naquele poeta de Diamantina. As coisas eram seres imantados transitando em meio a uma realidade imaginária encarnadamente universal que começava ali na sala de aula ou no sofá da Bela Cintra.

Tudo isso não era só devaneio, era uma paixão pela matéria viva sob a forma de detalhismo, era um desejo de encontrar algo concreto que justificasse a realidade já impalpável mas também real da criação literária e artística e de suas técnicas. Num crítico; essas qualidades são imprescindíveis, embora ele vagasse mais e mais por repertórios sempre mais vastos e nunca abarcasse numa frase, num artigo, num ensaio ou num livro a totalidade desejada. Ele falava e falava sem parar, sem ter um fio definido ou perseguir um ponto. Praticava desse modo uma versão muito sua de críticas das fontes misturadas com algo que, remotamente, talvez fosse inspirado na iconologia de Panofsky. Essa fala incansável povoava tudo de tudo, inventariava, preenchia, anotava sempre ao pé de uma suposta página.

Com um furor borgiano de não esquecer, Alexandre erguia mundos em velocidade maior do que o ritmo da destruição real. A importância de um homem assim no Brasil é demasiado evidente, contra o esquecimento generalizado e sistemático, contra o marasmo da vida solta no ar do presente. De certo modo, ele representava a continuidade do projeto modernista no que este tem de investigador. Gente como Rodrigo M. F. de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Lúcio Costa, encontrara em Alexandre um modesto continuador.

Ele não era um professor organizado, não apresentava teorias nem métodos, nem possuía uma especialidade fixa. Na universidade, ele era a mais doce das aberrações; nela, pelo diletantismo de sua formação, ele podia se sentir até inseguro, mas lá todos o invejavam. Mesmo tendo esse feitio pouco acadêmico, nada teórico e sem ser um expositor brilhante, seus pontos de vista eram firmes e sua vista chegava a infinitos pontos.

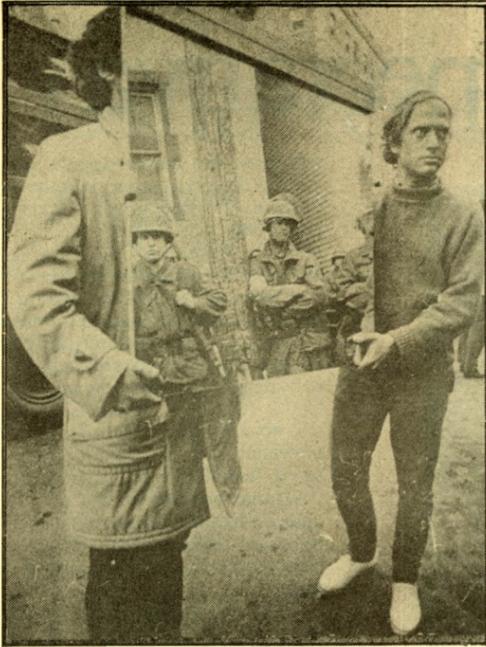
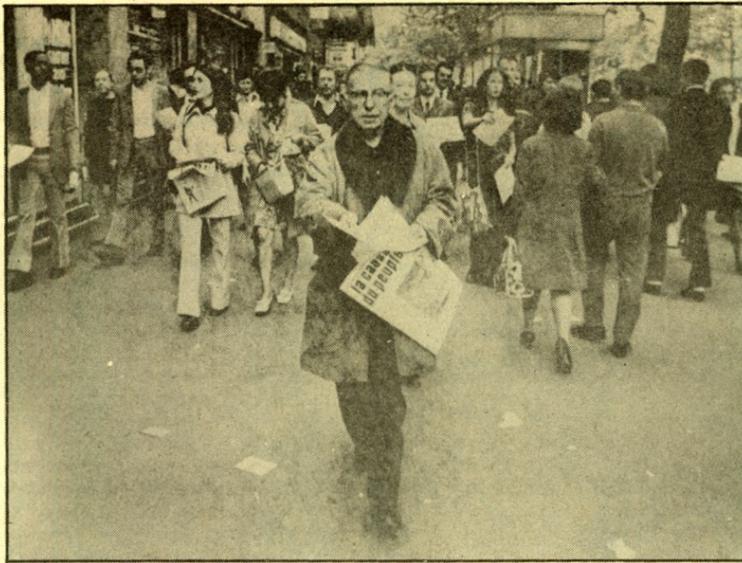
Numa aula sua, o menos importante era o centro; só valiam os desvios, digressões, linhas paralelas que enriqueciam a periferia, compondo um quadro de época, do tema ou do estilo. Em que Alexandre estaria mesmo interessado? Sempre desconcertava um intelectual tão atraído por assuntos distanciados no tempo, a disponibilidade sincera para o moderno e a ausência de tradicionalismo. Havia algo conservador nele, sem dúvida, mas seu conservadorismo não estava no fato de ele aspirar a uma tradição, afinal a esta só teria acesso o espírito livre a aberto do moderno.

Sempre me lembro dele pronunciando com desprezo o adjetivo "convencional" como pecha terrível do espírito mesquinhamente burguês. Tal convicção tinha parentesco com a campanha antiburguesia dos surrealistas, sem partir, porém, para as vias de fato. Por isso, penso que no fundo ele acalentasse um conceito de tradição nada convencional, renovado, não embalado em mitos, complexos e ilusões, sem ufanismos ou vexames, tão comuns numa antiga sociedade colonial e escravocrata. Caberia aqui lembrar uma passagem de Mário de Andrade, em pleno Modernismo, cuja afinidade com esse ideal de tradição e de modernidade salta à vista ainda que a terminologia e o momento fossem outros: "Nós só seremos deveras uma Raça o dia em que nos tradicionalizarmos integralmente e só seremos uma Nação quando enriquecermos a humanidade com um contingente original e nacional de cultura." Sem medo da realidade, essa tradição exigia uma relação quase física com a experiência histórica, social, literária e artística, nela se situando, assentada a poeira. Já que, além de estar consciente de seu próprio passado, estaria consciente de seus limites, com uma pitada de nostalgia, convencida no entanto de que o futuro, como dizia Paulo Prado (frase que ouvi Alexandre citar várias vezes) "pior do que o passado não pode ser".

Vinicius Dantas é aluno de mestrado em Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem.

O perfil de Alexandre Eulálio está na última página.

Jornal da Unicamp

Reitor — Paulo Renato Costa Souza
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação — Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa — Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones: (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019) 1150.
Editor: Eustáquio Gomes (Mtb 10.734)
Redatores: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519), Antônio Roberto Fava (Mtb 11.713), Graça Caldas (Mtb 12.918), Paulo César do Nascimento (Mtb 14.812) Roberto Costa (Mtb 13.751) e Célia Piglioni (Mtb 13.837).
Fotografia: Antoninho Perri (Mtb 828)
Ilustração: Oséas de Magalhães
Diagramação: Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste Up e Arte Final: Oséas de Magalhães e Clara Eli Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais, Clara Eli Salinas e Hélio Costa Júnior.

A metáfora do espelho: que o poder visse a si mesmo.

A autoridade do velho Sartre legitimou o movimento

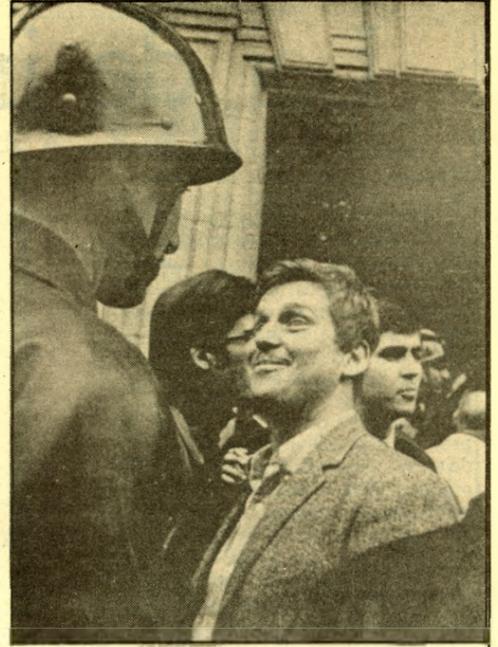



Foto histórica: Cohn-Bendit zomba do policial.

Nostálgicas barricadas de 68

Duas décadas se passaram desde a "Noite das Barricadas", quando vinte mil estudantes foram às ruas em maio de 1968, no Quartier Latin, em Paris, e entraram em choque com a polícia francesa num protesto monumental contra o fechamento da Sorbonne. Vinte anos depois, o sonho acabou? As revoluções que povoaram a mente dos estudantes do final dos sessenta eram utópicas? As bandeiras mudaram? Mudaram os estudantes ou as formas de contestação?

Não foram poucas as análises sociológicas de época que viraram livros e teses acadêmicas, muitas delas escritas por ex-líderes estudantis. Divergências à parte, parece haver consenso sobre o fato de que não se pode pensar 88 com a cabeça de 68. De lá para cá o mundo viveu transformações que não podem ser ignoradas, sob o risco de se perder o senso de realidade ditado pela própria história.

Para debater as mudanças e o rumo dos movimentos estudantis nas duas últimas décadas, o Centro Acadêmico Adolfo Lutz (CAAL), da Faculdade de Medicina da Unicamp, promoveu nas noites de 31 de maio a 2 de junho um ciclo de debates cujo tema central era: "20 anos das Mobilizações Estudantis de 1968". Essa temática foi dividida em três itens: "Paris, maio de 1968: As barricadas do desejo"; "Brasil 1968: o movimento estudantil e a ditadura militar" e "Movimento estudantil 1968-1988: o sonho acabou?" O debate aconteceu no Centro de Convenções da Universidade.

"As barricadas do desejo"

Ao traçar um panorama histórico da época, o prof. Marco Aurélio, que participou da mesa "Paris, maio de 1968: as barricadas do desejo", afirmou que o fenômeno de contestação de 1968 não pode ser visto isoladamente. Mesmo porque, embora com características específicas, as contestações se sucediam na França, Alemanha, Itália, Polônia, Espanha, Brasil e em outros países com interdependência e influência recíprocas.

No nível das aparências, o maio de 68 é principalmente vinculado aos estudantes. Entretanto, de acordo com o historiador, os estudantes foram instrumentos detonadores de movimentos sociais mais amplos que estavam sendo gestados e eclodiram no mesmo mês, como é o caso da greve geral dos operários, que mobilizou 10 milhões de trabalhadores franceses. Os trabalhadores ficaram paralisados por 40 dias. Foi a maior greve operária que se tem notícia no século XX.

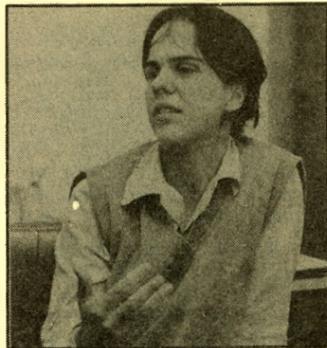
As raízes da rebelião dos estudantes em Paris estão, na verdade, em movimentos anteriores que se verificaram em universidades européias como um todo. As reivindicações dos estudantes da Universidade Livre de Berlim, que brigavam contra o conservadorismo da universidade alemã, é um exemplo notório. A mobilização dos estudantes alemães tinha suas bases políticas na dissidência da social-democracia alemã.

Tudo isso acontecia sob o peso da guerra do Vietnã. A famosa noite das barricadas, que eclodiu em Paris com 50 mil estudantes fazendo do Quartier Latin uma verdadeira praça de guerra, de onde resultaram centenas de feridos e uma França em estado de choque, é, na opinião do historiador, a conseqüência de todo um ciclo de movimentos sociais. Os principais líderes estudantis da época eram oriundos do PC francês e criaram a União dos Estudantes Comunistas. Surgiram daí os trotskistas e os maoistas. "Havia também uma ligação forte dos estudantes com o imaginário da esquerda francesa", observa Marco Aurélio.

O grande móvel do movimento estudantil na França, de acordo com o filósofo Quartim de Moraes, foi a perspectiva de se promover uma revolução cultural, uma revolução de costumes. "Havia uma aspiração imaginária, mas real, do poder", afirma. Só assim os estudantes que defendiam um novo modo de vida — um modo de vida que não fosse organizado pelo Estado ou pelo aparelho cultural — poderiam abrir espaço para as transformações. Havia a preocupação de colocar os grandes meios culturais da época a serviço da sociedade.

Para a psicóloga e socióloga Catarina Koltai, não se pode ler 68 apenas através desse ano. Seus reflexos vão bem mais longe. A geração de 68 é, para ela, "uma geração de passagem, do pós-guerra, da guerra fria, da guerra da Argélia. 68 significou um momento de ruptura com tudo isso".

"Foi talvez a última vez em que se investiu para valer na coisa pública, na idéia de revolução. O que o líder estudantil Daniel Cohn-Bendit fez foi captar esse momento de ruptura. Conseguiu passar do "o que fazer" para "o fazer". O movimento de 68 teve, na verdade, duas características básicas: a de happening e a de revolução. Foi a revolução sem revolução. A revolução da comunicação. Nunca se discutiu tanto como na França de 68. O diálogo se tornou algo precioso", afirma Koltai, algo que pôde ser observado até mesmo no cinema da época.

Maio-68 sacudiu Paris, sacudindo-a de sua inércia. "A vida se resumia ao metrô, ao trabalho e a dormir. O movimento dos estudantes acabou com a alienação do cotidiano. Levou as pessoas à reflexão. Foi uma luta contra o tédio. Paris era uma cidade muito reprimida sexualmente. O movimento foi uma tentativa de exercitar várias formas de transgressão. Em 1970 se deu o primeiro movimento de libertação da mulher. A ideologia de 68 era ao mesmo tempo política e poética. Marx e Freud, repressão e libido. Foi ao mesmo tempo uma luta coletiva contra o autoritarismo do Estado e a favor da individualidade, do 'Eu', de uma vida melhor. O que se buscava era viver de outra maneira. Não se queria reeditar a revolução de 17 nem tampouco reivindicava a conversão coletiva ao maoismo. No entanto, não se pretendia menos que forjar uma nova sociedade."

Mirza: "O sonho não acabou."

"A geração de 68 — continua Koltai — foi a última, quer na França quer no Brasil, a se mobilizar em bloco pela defesa da civilização. Hoje ninguém se mobiliza mais por nada. Na época, a grande transgressão era a defesa da civilização; a pequena, a ingestão de drogas. Na França, a classe intelectual estava com os estudantes e os estudantes com os intelectuais. A revolução de hoje talvez seja mais ética, ou seja: a busca de valores básicos considerados perdidos."

A ditadura e os estudantes

Autor de uma tese de mestrado que se intitulou "Movimento Estudantil e militarização do Estado no Brasil 1964-1968", o historiador João Roberto Martins Filho fez uma análise da conjuntura histórica que precedeu o movimento estudantil de 68 no Brasil. Segundo ele, "em todos os seus aspectos mais relevantes o movimento estudantil pós-64 — e particularmente as grandes mobilizações universitárias de 1968 — encontra suas raízes na participação dos estudantes nas lutas sociais da fase final do populismo".

Nos momentos que antecederam o golpe militar de 64, a "União Nacional dos Estudantes decretava uma greve geral que visava a atingir todo o país, num esforço para impedir o golpe e a deposição do governo João Goulart. Nesse sentido, na medida em que a intervenção militar se ampliava, o movimento estudantil tornava-se mais ativo".

No Rio, as esperanças terminaram em mortos e feridos

"A partir daí", continua Martins, "a convivência dos estudantes com o governo militar foi árdua e cheia de incidentes. Colocando-se como força antagônica ao sistema, os estudantes desafiavam todo o tempo o governo e os conflitos tornaram-se inevitáveis. Ao assumir uma postura de franca oposição ao governo militar, a UNE, de acordo com as análises do historiador, "encerra o longo período de crise de hegemonia caracterizado pelo "Estado de compromisso" do pós-30 e retoma suas atividades políticas, voltando-se paulatinamente para a luta antiditatorial, procurando retomar algumas das bandeiras que motivaram sua mobilização na fase precedente."

O governo chegou a colocar nas ruas cinco mil homens e 400 carros da Polícia Militar, do Exército, da Aeronáutica e da Guarda Civil para coibir as passeatas estudantis, que "pareciam não temer os canhões", como diria mais tarde Geraldo Vandré na canção proibida "Pra não dizer que não falei de flores (Caminhando)". O saldo do confronto ao longo dos anos inclui mortos, mutilados e prisioneiros. O clímax dessa escalada se dá com a realização em 68 do 29.° Congresso da UNE, em Ibiúna, interior de São Paulo, quando 900 de seus militantes foram presos e suas lideranças dizimadas.

"O sonho acabou?"

Ex-militante do movimento estudantil de 65, 66 e 67, o historiador Daniel Aarão Reis Filho, hoje professor de história contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF), participou da mesa-redonda no último dia do ciclo de debates. Daniel foi presidente da UEE do Rio de Janeiro na gestão que antecedeu à de Wladimir Palmeira e perdeu por sete votos a presidência da UNE, em 67, para Luís Travassos.

Sua análise do movimento estudantil de hoje, no momento em que a UNE tenta reerguer-se, é que após longa fase de apatia, o movimento encontra-se em reabilitação. Um dos fatores da desmobilização estudantil nos últimos anos resulta diretamente da reforma por que passou a universidade brasileira ao introduzir o sistema de créditos. Com esse modelo importado dos Estados Unidos, as turmas, que eram elementos básicos de aglutinação, foram extintas, com visíveis reflexos na capacidade de articulação dos jovens.

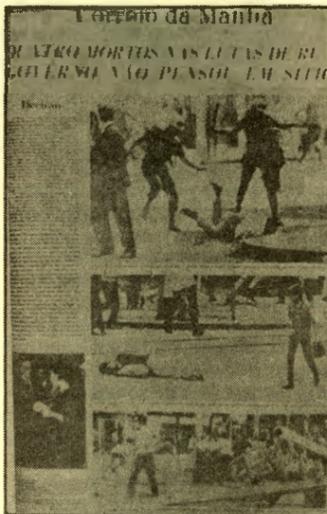
Na opinião do ex-líder estudantil, não se pode atribuir a paralisação dos movimentos estudantis nas universidades ao processo de partidarização por que passa desde a chamada Nova República. "Os partidos não podem ser apresentados como bode expiatório", afirma. O isolamento do movimento estudantil, em relação aos demais movimentos sociais, é para o historiador, a principal explicação de sua desmobilização. "Os estudantes não podem mais caminhar sozinhos. Precisam se articular ao lado de outros canais. Em 68 a situação era outra", observa.

"O sonho não acabou. Na verdade, não acaba nunca." Essa é a concepção que a historiadora Mirza Vasconcelos tem das diversas fases por que passou o movimento estudantil. Mirza vem organizando há quatro anos a memória do movimento estudantil no Brasil para o arquivo Edgard Leuenroth, que pretende se transformar num centro de referência para as pesquisas sobre o tema. A própria UNE já concordou em depositar na Universidade sua documentação, ou reprodução dela, desde os anos 30, assim como participar de uma campanha nacional pelo resgate de sua história.

Mirza está desenvolvendo tese de mestrado sob a orientação do prof. Marco Aurélio Garcia, que é também diretor do Arquivo Edgard Leuenroth. Seu tema é exatamente o movimento estudantil dos anos 70. Segundo ela, esse período é interpretado como uma fase de alienação dos estudantes, num momento de derrotas. Mirza quer checar se a imagem que se formou dessa década tem fundamento e analisar suas possíveis causas.

Para a historiadora, no Brasil, o início dos anos 70 assinala a tentativa — equivocada, a seu ver — dos grupos de esquerda de quererem reconstruir o movimento de 60 em 70, quando tudo já havia mudado. O contexto era outro. Até 77 ela vê o movimento como o espaço das diferenças. São muitas as tendências de então: "Liberdade e Luta", "Caminhando", "Refazendo", entre outras. Nessa época, o próprio projeto de sexualidade muda. As formas de luta também. Adota-se uma bandeira nova: a da ecologia. Entretanto, quando o movimento começa a ganhar força, ela encontra limites. Seus líderes e militantes estão envolvidos com o movimento bancário, o dos jornalistas, dos professores. Há um deslocamento da militância. É o momento de "poucas falas". Não existe mais o espaço da diferença. A partidarização toma conta do movimento.

Em 79/80 começa a reação dos estudantes à UNE. Os chamados "independentes" pressionam a entidade. A reação imediata dos dirigentes da UNE é um centralismo ainda maior, um retraimento às transformações. Só em 86, em Congresso realizado no campus da própria Unicamp, começa a se alterar essa situação com uma mudança radical de linha de atuação.

A nova diretoria da UNE está tentando devolver o espaço para os estudantes, assegura Mirza. "Ela quer representar de fato os estudantes." E é por acreditar nessa nova fase da UNE que a historiadora acha que o sonho não acabou. Ele apenas se transformou, modificou-se, assim como o movimento social mudou de eixo. Cabe agora aos estudantes encontrar seus próprios caminhos. A reconstrução da sede da UNE, no mesmo local onde foi criada a entidade há meio século, na Praia do Flamengo, 132, Rio de Janeiro, está em curso. Sua reconstrução pode representar muito mais do que um símbolo vivo da combatividade estudantil, pode ser perspectiva concreta de revitalização. (G.C.)

Lei de incentivos gera expectativa

Hélio Marcos, da Telebrás: "sem intercâmbio, nada feito".

Pesquisa com fibra ótica: exemplo de bom entendimento com a indústria.

Programas como os que possibilitaram a produção de fibras óticas, o laser de semicondutores e os multiplexadores telefônicos digitais — de notáveis efeitos na capacitação e na diminuição da dependência tecnológica, com não desprezível impacto na economia do país — deverão ganhar novo impulso na Unicamp com a lei que concede benefícios fiscais às empresas que investirem em pesquisa tecnológica. Com uma série de projetos desenvolvidos em setores de tecnologia de ponta, e já incorporados pela indústria, a Unicamp, desde sua criação em 1966, é um dos precursores do processo que o governo quer agora estimular (aproximando as indústrias das universidades), e um exemplo dos vantajosos resultados que a interação universidade-empresa pode trazer para o desenvolvimento tecnológico do país.

Um dos mais importantes parceiros da Unicamp nesse processo tem sido o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) da Telebrás. Mais da metade dos 71 produtos desenvolvidos pelo CPqD no período 80/87, e repassados a 65 indústrias nacionais do setor de telecomunicações, nasceu da colaboração entre as duas instituições. "Seria difícil atingir o atual estágio de capacitação sem um intercâmbio dessa natureza", testemunha Hélio Marcos Machado Graciosa, chefe do Departamento de Planejamento e Coordenação do CPqD. Segundo ele, o segredo do sucesso dessa interação está no aproveitamento da vocação das instituições. Tanto que o CPqD mantém programas de cooperação tecnológica com outros seis centros de ensino e pesquisa superior do país: USP, UFMG, ITA, Esalq, Universidade Federal de São Carlos e PUC do Rio de Janeiro.

Em outros casos, o próprio pesquisador é quem também faz as vezes da empresa, levando à industrialização o projeto desenvolvido nos laboratórios universitários. Foi assim com o físico Jorge Humberto Nicola. Membro do Grupo de Desenvolvimento e Aplicação de Laser do Instituto de Física da Unicamp, Nicola foi um dos responsáveis pela criação do protótipo de um bisturi a laser para microcirurgia. Ao invés de vender a tecnologia de fabricação para uma grande indústria, preferiu ele próprio montar uma pequena fábrica, a Tecnolaser, e pagar "royalties" à Universidade.

Para o reitor Paulo Renato Souza, a nova política de desenvolvimento tecnológico-industrial deverá representar um grande avanço nas pesquisas. "A expectativa é de um significativo aumento de recursos para as universidades", prevê Paulo Renato. Ele ressalta, porém, que é importante a definição clara das prioridades científicas e tecnológicas da Universidade para evitar que os pesquisadores sejam apenas executores de serviços para o setor industrial. A preocupação é compartilhada pelo pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, José Carlos Valladão de Mattos: "A Unicamp sempre preservou o direito de escolher suas parcerias e definir o que desenvolver. Esse livre arbítrio não é tocado pela lei e continuará prevalecendo nos contratos futuros", salienta. Valladão acredita que a nova lei abrirá um canal mais direto para o repasse de tecnologia ao setor industrial, mas adverte para a necessidade de maior clareza sobre os direitos de patentes que cabem ao pesquisador e à própria universidade.

Não há, porém, unanimidade em relação à medida. "A lei dos incentivos fiscais vai beneficiar apenas alguns setores da indústria, que investirão em P&D, para diminuir custos e aumentar lucros, nem sempre em consonância com o desenvolvimento do país e da sociedade. Ao reduzir os impostos das empresas, o governo perde parte da arrecadação que deveria aplicar segundo suas prioridades", critica Renato Dagnino, professor do Instituto de Geociências e do Núcleo de Política Científica e Tecnológica da Unicamp.

Dagnino argumenta que, assim, o governo abdica parcialmente de seu papel de executor do desenvolvimento sócio-econômico e tecnológico da nação para fazer crer que está aumentando os recursos para C&T, de menos de meio por cento do PIB para 2%, até 1990. Ele condena, ainda, a não especificação, pelas autoridades, das áreas de aplicação do conhecimento que vier a ser desenvolvido nas áreas priorizadas pela nova política industrial. "Priorizar a pesquisa em informática é pouco, é preciso indicar onde ela deverá ser aplicada".

O pesquisador também se mostra cético em relação ao capítulo da Ciência e Tecnologia da nova Constituição, que pretende viabilizar a autonomia tecnológica, definindo o mercado interno como um patrimônio nacional. "A reserva de mercado por si só não leva ao desenvolvimento tecnológico, se não houver a preocupação com a capacitação tecnológica do país", observa. "O texto constitucional prevê o apoio a essa capacitação, mas acho pouco provável que saia do papel." **(P.C.N.)**

E vem aí a I Feira de Tecnologia

Geladeira acionada por fogão a lenha, pulmão e rins artificiais, maçaricos de plasma e cartões de memória ótica são algumas das atrações da "I Feira de Tecnologia da Unicamp", que acontecerá entre os dias 4 e 10 de agosto, das 10 às 20 horas, no Ginásio Multidisciplinar, no campus da Universidade. Uma grande mostra da tecnologia desenvolvida por seus pesquisadores e técnicos, a Feira — tem apoio da Finep, Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, CNPq e Fiesp/Ciesp —, mostrará mais de 200 produtos e processos de interesse industrial em todas as áreas tecnológicas, e contará com a participação de empresas externas que utilizam tecnologia repassadas pela Universidade.

A "I Feira de Tecnologia da Unicamp" tem por objetivo principal estabelecer canais de interação e repasse de tecnologia desenvolvidas na Universidade para o setor industrial. "Freqüentemente o pesquisador consegue recursos externos e após finalizar suas pesquisas e desenvolvimentos tecnológicos não consegue repassar o produto final ao setor industrial. A Feira é a primeira grande oportunidade para ampliar nossa interação com o setor produtivo e eliminar essa barreira", justifica José Carlos Valladão de Mattos, pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários.

A Feira terá três sessões distintas: tecnologias que já foram repassadas ao setor industrial (com a exposição de produtos com "know how" transferido pela Unicamp); tecnologias disponíveis em prateleira; e tecnologias em desenvolvimento. A primeira mostrará a inserção real da Universidade no setor produtivo e pretende contribuir para aumentar a credibilidade junto ao empresariado; a segunda apresentará tecnologias de repasse imediato a possíveis interessados, e a última sessão pretende criar oportunidades para que a Unicamp consiga novos parceiros no setor industrial para desenvolvimentos tecnológicos conjuntos.

Paralelos à exposição serão promovidos o "Encontro de Indústrias no Interior" e o "I Encontro de Tecnologia Industrial da Unicamp", este último constituído de seus painéis, onde representantes da comunidade empresarial, autoridades convidadas e pesquisadores da Unicamp debaterão temas de importância para o setor como controle de qualidade, racionalização no aproveitamento de energia, otimização da produção e problemas agroindustriais. Cerca de dois mil empresários são aguardados para os três eventos. As empresas que receberam repasse de tecnologia da Unicamp e que participarão da Feira são: Grupo ABC X Tal, CPqD da Telebrás, Petrobrás/Replan/Superintendência do Xisto, Avibrás, Ciatec (Cia. de Desenvolvimento do Pólo de Alta Tecnologia de Campinas), Codetec, NEC Brasil, Tecnolaser, Lasertech, Telemulti, Splice, CTI (Centro Tecnológico para Informática), Control, Laboratório Nacional de Luz Sincrotron, Microlab, Termoquip, IBM-Brasil; Cemar (Fundação de Tecnologia Industrial) e Soma (Serviços de Otimização de Matemática Aplicada).

Laser de semicondutor ganha a indústria

Com pouco mais de 20 anos, a Unicamp caracteriza-se como uma das universidades brasileiras que mais tem contribuído para o avanço da tecnologia de ponta no país. Muitas pesquisas deixaram os laboratórios da Universidade, passaram por centros de desenvolvimento e foram para a indústria. Não é por acaso que Campinas se transformou no maior pólo de informática do país: grande parte dos pesquisadores de importantes instituições como CTI e CPqD — Telebrás saiu dos bancos acadêmicos da Unicamp. Entre as pesquisas desenvolvidas pela Universidade e que hoje são produtos no nível industrial está o laser de semicondutor, tecnologia cujo processo de transferência para a Elebra Eletrônica se iniciou há um ano e meio.

As pesquisas com o laser de semicondutor — o menor da família dos lasers — foram iniciadas na Unicamp em 1971, com o então prof. José Ellis Ripper Filho.

O trabalho dos pesquisadores do Departamento, hoje sob a coordenação do prof. Francisco Prince, foi basicamente voltado para o desenvolvimento da comunicação ótica, ou seja, a transmissão de luz ou de sinais através da fibra ótica, onde a fonte de luz é exatamente o laser. Ao longo de quase duas décadas, os pesquisadores da Unicamp, ligados ao Grupo de Dispositivos Semicondutores, trabalham basicamente com dois tipos de semicondutores: o arseneto de gálio e o fosfeto de índio. O primeiro, mais antigo, teve larga aplicação no disco digital. O segundo, entretanto, é aplicado principalmente na fibra ótica. Ambos têm endereço certo: as telecomunicações.

O laser de semicondutor desenvolvido pela Unicamp é componente de um sistema utilizado em um determinado equipamento de telecomunicação: o Elo-34, fruto de trabalho conjunto desenvolvido por pesquisadores da Universidade e do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Telebrás (CPqD). Utilizado em entroncamentos urbanos de telefonia, o Elo-34 permite fazer a ligação entre dois bairros envolvendo aproximadamente três mil telefones em cada ponto, ou seja, igual número de ligações simultâneas.

Prince: na área de semicondutores, padrão internacional.

Domínio Tecnológico

O laser de semicondutor utilizado hoje no Elo-34 é importado. O preço desse laser, segundo Prince, equivale à metade do equipamento completo. Com a nacionalização do produto, criado nos laboratórios da Unicamp, desenvolvido pela Telebrás e viabilizado pela Elebra (a ABC X Tal também adquiriu o direito de produzir o laser de semicondutor), o quadro começa a mudar, mesmo se considerando que a aplicação do produto nacional deva ocorrer somente dentro de dois anos.

Para Ripper, que responde atualmente pela presidência da Elebra Microeletrônica, é difícil quantificar a economia gerada a partir da nacionalização do produto. "O que se deve ressaltar é o domínio tecnológico do laser de semicondutor", afirma. Embora também não saiba dimensionar o que significa em dólares essa economia, Prince cita um exemplo que ilustra o fato: para a aquisição de um sistema de telefonia semelhante ao Elo-34, o governo da Argentina desembolsou junto à Nec do Japão exatos US$ 100 milhões. Nos dezesseis anos de pesquisas, contabilizando todos os gastos, foram consumidos no Brasil cerca de US$ 30 milhões.

Até o início da aplicação do laser de semicondutor, o processo de informação — tanto em computadores quanto em sistemas telefônicos — era transmitido por meio de um código, bastante semelhante ao do telégrafo. "Com o laser de semicondutor tudo isso mudou", afirma Prince. Segundo ele, o novo dispositivo permite que os impulsos elétricos que correm nos fios sejam substituídos por impulsos luminosos. O código é construído com apenas dois sinais: ligado/desligado ou luz/ausência de luz. Os sinais são transmitidos por cabos flexíveis de fibra ótica feitos de um vidro especial, muito mais eficiente que os principais cabos metálicos. A fonte emissora dos pulsos de luz é o laser de semicondutor, como uma lâmpada que acende com grande rapidez, de acordo com as informações anteriormente codificadas.

Maior distância

A meta dos pesquisadores da Unicamp é desenvolver o dispositivo para a comunicação heteródina. Trata-se de um laser de semicondutor de freqüência única que permite aumentar a distância entre os pontos comunicadores. Segundo Prince, o laser que utiliza o arseneto de gálio apresenta bons resultados entre os pontos distantes até 10 quilômetros; com fosfeto de índio, a distância chega a 50 quilômetros, e com a comunicação heteródina, o salto é mais significativo: 150 a 200 quilômetros. Já existe um grupo de pesquisadores na Faculdade de Engenharia de Campinas da Unicamp, comandado pelo prof. Evandro Conforti pesquisando tais sistemas.

"Em termos de pesquisa na área de semicondutor, o Brasil se encontra em estágio semelhante ao dos países que dominam a tecnologia", afirma Prince, que justifica a importação do produto em decorrência da grande demanda do mercado interno. O físico da Unicamp lamenta que outras pesquisas igualmente relevantes não ultrapassem as paredes dos laboratórios das universidades. Para ele, "a indústria brasileira não confia na pesquisa nacional" **(A.C.)**

Unicamp analisa ano do Cruzado

Em 28 de fevereiro de 1986, através do decreto-lei n.º 2.283, o governo Sarney criava o Plano de Estabilização que promovia o congelamento geral de preços. O que a equipe econômica da então chamada "Nova República" pretendia era conter a inflação, cujos índices estavam a patamares considerados insustentáveis. O Plano de Estabilização implicou na reforma monetária que extinguiu o cruzeiro e implantou o cruzado. O presidente Sarney queria estabelecer as condições necessárias para efetivar, na prática, os programas de prioridades sociais que constituíam a espinha dorsal de seu discurso político. "Tudo pelo Social", já era o slogan da época.

Decorridos três anos da gestão Sarney, que se configurou inicialmente por um pacto político voltado para a estabilização da economia e a redistribuição da renda no País, os resultados ainda são considerados desanimadores. É isso que uma pesquisa exaustiva desenvolvida pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, em 1986 — o ano do cruzado —, aponta. O primeiro relatório da série foi realizado no ano de 1985. O relatório de 1987, em fase de compilação e análise de dados, ainda não permite que o brasileiro nutra maiores esperanças sobre mudanças reais no panorama social que o Brasil apresenta, apesar de continuar sendo a oitava economia do mundo.

Poucas mudanças

Que o Brasil ampliou os recursos destinados a programas de natureza social é um fato inequívoco, de acordo com a cientista política Sônia Míriam Draibe, diretora do NEPP e coordenadora geral do trabalho. O Relatório mostra que em 1986 "a soma dos gastos sociais federais, estaduais e municipais atinge quase US$ 50 bilhões, representando então 18,3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro (US$ 260 bilhões) daquele ano. A participação maior cabe à Previdência Social, com aproximadamente 42%, seguida por Educação e Cultura (22%), Saúde (13%) e Saneamento (2%)". Entretanto, apesar desse investimento aparentemente vultoso, o resultado ficou "aquém das metas proclamadas, sendo 1986 pior que 1985", garante a pesquisadora.

Por que não se concretizou a tão almejada e falada redistribuição de renda? Enquanto as nações medianamente desenvolvidas aplicam 8,8% de seu PIB em programas sociais, os países capitalistas avançados aplicam em média 20,4%, índice muito próximo dos 18% ostentados pelo Brasil no ano de 1986. As respostas não são simples. Em primeiro lugar, é necessário olhar com cuidado a relação entre o PIB e o país em questão, alerta a profa. Sônia Draibe. Segundo ela, melhor do que estabelecer essas analogias é considerar também o gasto social "per capita". Aí, leva-se em conta a população e a condição social em que vive.

O ano de 1986 apresentou de fato uma queda na taxa de desemprego nas áreas metropolitanas pesquisadas (Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre). O índice médio de desemprego, que era de 3,76% em 1985, caiu para 2,16% em 1986. Para a Grande São Paulo, verificou-se a mesma situação, saindo de um índice de 9,8% em 1985 para 7,3% em 1986. Apesar disso, nesse ano a Grande São Paulo ainda representava um contingente de 555 mil trabalhadores desempregados.

"A aparente melhora"

O congelamento dos preços possibilitou uma temporária elevação no padrão de consumo do brasileiro, que no setor de alimentos foi de 30%, e 100% no de medicamentos. Os efeitos do cruzado nesse sentido foram tais que chegaram a desorganizar alguns programas, provocando uma crise no abastecimento.

De acordo com o Relatório, "a polêmica criada em torno dos efeitos do congelamento de preços e salários em 1986 sobre a média dos salários reais ainda permanece. Mas estudos mais recentes têm demonstrado que o aumento real de renda foi pouco expressivo entre os assalariados e ainda menos para os trabalhadores da indústria de transformação, cujo ganho em relação ao ano anterior foi de 2,7% — indícios de que justamente nos setores mais mobilizados os acordos salariais foram pouco favoráveis e possivelmente mais acirrados."

O setor de saúde pública, apesar de esforços isolados, não apresentou um bom desempenho no ano analisado. A mortalidade infantil, por exemplo, que é considerada um dos grandes indicadores da área, mostrou-se estacionária. O índice de mortalidade infantil é de 66 óbitos por mil nascidos vivos, índice bem superior a países como Argentina (36) e México (52). No caso das doenças endêmicas, que exigem medidas preventivas e profiláticas, os números mostram uma piora acentuada no quadro. A coqueluche, que em 1985 atingia 21.084 casos, em 1986 passou para 23.946. A malária subiu de 339.462 para 443.677. A poliomielite passou de 160 casos para 417. O sarampo, de 69.018 para 116.781. Esse panorama refletiu mais uma vez a falta de uma política de saneamento adequada. Cerca de 90% do atendimento público à saúde continuou sendo feito pelo Inamps.

É no setor da Previdência Social que o trabalho do NEPP verifica o melhor desempenho. As ações integradas de saúde alcançaram no ano de 1986 quase 2.500 municípios brasileiros. A área de alimentação e nutrição também apresentou alguns resultados satisfatórios, apesar de aquém das necessidades, como é o caso do programa de distribuição de leite. O setor educacional, por sua vez, embora tenha apresentado um crescimento no número de matrículas, também se revelou abaixo da demanda. Já o programa da merenda escolar apresentou melhoras. A introdução da securidade social significou também um avanço na política social do país.

Fonte: Relatório do Banco Mundial, op. cit., p. 10.

Sônia Draibe: sólido relatório.

O setor da habitação, cujo déficit vem crescendo a níveis geométricos, foi o que registrou a pior atuação no ano pesquisado. Segundo Sônia Draibe, ao se extingüir o Banco Nacional da Habitação (BNH), sem que outro programa viesse substituí-lo, a área de habitação entrou num processo de paralisia total. O déficit habitacional hoje é da ordem de 16 milhões de moradias, número que tende a crescer.

"Falta de continuidade"

Além de manter uma política social-assistencialista, reforçando assim o sistema clientelista e paternalista que antecedia o governo da Nova República, o governo Sarney, que no seu início demonstrou interesse em modificar o quadro de pobreza e miséria crônica no Brasil (distribuída equitativamente entre as regiões metropolitanas e o campo), revelou total descontinuidade.

A opinião é da cientista política da Unicamp, para quem a retórica não recessiva, vigente no início do governo Sarney, mudou consideravelmente, em concomitância com a recomposição das forças políticas que o apoiavam. É com "decepção" que Sônia Draibe analisa o Brasil hoje. "Esperávamos e queríamos muito mais da Nova República", afirma.

Ao constatar que o sistema é mais forte que as pessoas, a pesquisadora acredita que a única forma de modificar a atual organização da política social do País, presa a uma burocracia emperradora e que possibilita a superposição de programas, é a modernização administrativa. Essa modernização, no entanto, só é possível a seu ver através da informatização de todo o sistema para tornar transparente e democrática a informação, como aconteceu com a Previdência Social.

Não se pode mais, também, na sua concepção, adotar uma política social centralizadora. Assim como considera essencial a introdução de mecanismos fiscalizadores dos programas, Draibe defende a adoção de uma política social integrada com o governo e a introdução de um orçamento social. Esse orçamento, segunda ela, deve ser amarrado e aprovado anualmente pelo Congresso Nacional, porém não excessivamente vinculado, para permitir uma política de desenvolvimento global que possibilite o remanejamento de verbas onde se fizer necessário.

Draibe olha o ano de 1987, no qual está agora concentrando sua análise, de forma pessimista. "Mesmo com os dados provisórios, vejo que a situação não se alterou muito em relação ao ano anterior", observa. A pesquisa desenvolvida pelo NEPP é a única, do gênero, no País. **(G.C.)**

A vocação industrial do interior paulista

O interior do Estado de São Paulo é, hoje, o responsável por quase 20% da indústria nacional, índice que o torna a segunda maior concentração industrial do país, superando inclusive estados importantes como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Só fica abaixo da região metropolitana de São Paulo. E tem mais: a indústria do interior do Estado se destaca ainda pelo avanço no processo de modernização, à semelhança das indústrias localizadas nas grandes metrópoles.

Já é fato comum o interior do Estado produzir (e até mesmo exportar) calçados, aviões, veículos, roupas, pneus, combustíveis e materiais de comunicação, para citar apenas alguns manufaturados.

Quais foram os caminhos da industrialização do interior paulista? Pesquisas feitas pelo Grupo de Economia Urbana do Instituto de Economia da Unicamp — "A interiorização do desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo — 1920/1985" — apontam, entre vários outros fatores excepcionais para a descentralização industrial, como a oferta de recursos naturais, infraestrutura viária consolidada e a notória oferta de força de trabalho que as cidades do interior oferecem e também, em muitos casos, a intervenção do governo.

Este é, aliás, o tema de uma pesquisa do economista Barjas Negri, coordenador da Assessoria de Relações Extra-Orçamentárias, intitulada "A interiorização da indústria paulista de 1920 a 1980". Segundo Barjas, analisar a indústria paulista durante a década de 70 requer um retorno a 1967, ano que marca o início do denominado "milagre brasileiro" — período em que se deu também o começo da interiorização industrial. O período de 1967/1973 "representou um maior aprofundamento na estrutura industrial, um novo salto tecnológico e o avanço da internacionalização da economia brasileira". A implantação da industrialização pesada na década anterior internacionalizou, também, uma base técnica e financeira que iria submeter o setor agrícola a um rápido processo de modernização. O próprio setor agrícola aproveitaria o espaço aberto no mercado internacional e ampliaria consideravelmente a produção de exportáveis (agroindústrias de soja, carnes, sucos de frutas etc.) com padrões qualitativos e tecnológicos elevados, provocando a ampliação das relações técnicas entre a agricultura e a indústria.

Por outro lado, o setor industrial também ampliou suas exportações, principalmente de bens de consumo não duráveis como tecidos, calçados, alimentos e vestuário. "A exemplo do setor agrícola, diz Barjas, "a ampliação desses produtos na pauta de exportações depende muito dos padrões qualitativos, o que levou à significativa modernização tecnológica e ao avanço nos padrões de competitividade e de produtividade da indústria nacional". Além disso, o avanço dos processos industriais nos anos 70, sua modernização e diversificação em decorrência da demanda internacional, tornaram necessária a complementação da estrutura de produção. "Dois importantes setores da indústria de bens intermediários — a petroquímica e o de metais não-ferrosos (quase que totalmente dependentes de importação) — puderam, tutelados pelo Estado, desenvolver-se nesse sentido", acentua Barjas.

Descentralização

O interior do Estado de São Paulo, em 1928, era responsável por 10% da indústria nacional; em 1970, por quase 15%, e em 1980, por 20%. No entanto, apesar da expansão industrial ter ocorrido, de um modo geral, no interior como um todo, Barjas explica que houve uma certa polarização em regiões como Campinas, Ribeirão Preto, Vale do Paraíba, Litoral e Sorocaba. "É preciso", diz ele, "destacar alguns pontos relevantes do processo de interiorização da

Barjas: "o interior hoje exporta de aviões a pneus".

indústria em São Paulo. Por exemplo, de fato ocorreu um relativo processo de 'descentralização' industrial com forte predomínio de empresas de portes médio e grande. A instalação das micro e pequenas empresas no interior resultou do próprio processo de desenvolvimento urbano capitalista regional e não de políticas específicas de desenvolvimento. Outro ponto relevante foram os segmentos industriais com localização articulada, isto é, a indústria produtora de equipamentos para o setor de açúcar e álcool, próxima às regiões canavieiras; empresas dos setores de eletrônica, informática e telecomunicações, próximas aos centros de pesquisas e formação de técnicos especializados (CTI e Unicamp); indústrias químicas próximas às refinarias da Petrobrás em Paulínia, São José dos Campos e Cubatão; o complexo aeronáutico civil e militar e a indústria bélica próxima ao CTA, em São José dos Campos; e as agroindústrias perto da fonte fornecedora de matéria-prima; açúcar, álcool e sucos cítricos nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto; os frigoríficos próximos aos rebanhos bovinos de Presidente Prudente e Araçatuba, e óleos vegetais em Ribeirão Preto".

Por outro lado, iniciativas estaduais de descentralização industrial que mais surtiram efeito foram a ampliação e a adequação do sistema viário, como a construção da rodovia Castelo Branco na região de Sorocaba e a rodovia dos Bandeirantes na região de Campinas. Barjas, todavia, faz uma crítica à instalação dos chamados distritos industriais no interior: "incentivados pelas Prefeituras Municipais, eles têm sua importância, mas não vêm surtindo os efeitos desejados e, o que é pior, endividaram muitas prefeituras".

Intervenção governamental

Uma das principais causas do processo de interiorização industrial é a própria dinâmica do sistema capitalista, que articula a agricultura, a agroindústria e a indústria propriamente dita. "E o interior paulista", diz Barjas, "oferece esse tipo de estrutura, ou seja, as condições necessárias de produção. São as cidades do interior que oferecem as matérias-primas, têm uma oferta de recursos naturais bastante consideráveis e uma infra-estrutura viária consolidada, além de não sofrerem o problema energético."

Nesse processo de interiorização, não tem sido desprezível a participação do governo, seja através de investimentos em setores produtivos (como a Petrobrás em Paulínia, a Embraer em São José dos Campos e a criação dos centros de tecnologia em Campinas, São José dos Campos e São Carlos), seja através da formulação de políticas de incentivo às exportações, que permitiram ao interior a ampliação da produção de soja, farelo, óleo, suco de laranja, calçados, tecidos, carnes e derivados, para exportação. Ao lado disso, há ainda a política da implantação do Proálcool, que, segundo Barjas, por mais combatido que seja, beneficiou quase que todo o interior do Estado e provocou o desenvolvimento em cadeia da indústria mecânica, com a expansão do uso dos implementos agrícolas e a construção de destilarias. **(A.R.F.)**

Brasil século XXI

Às portas do século vinte e um

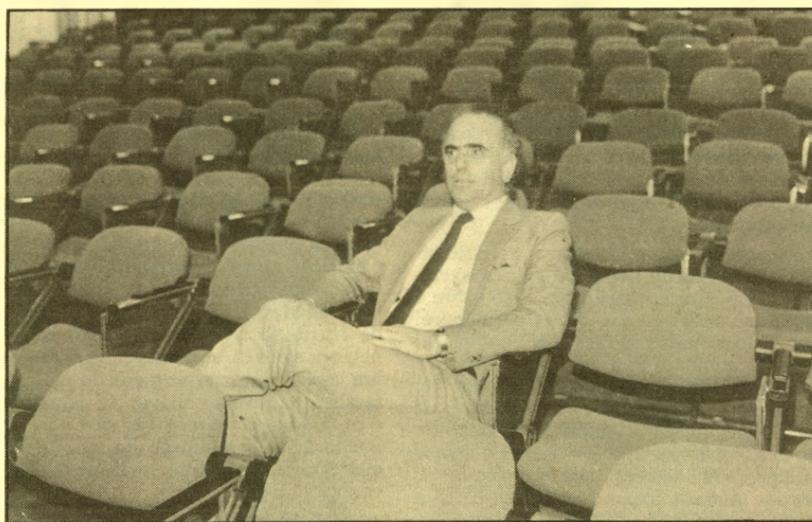
País que sempre manteve a aura de "país do futuro", o Brasil vê-se embaraçado, a onze anosdo novo século (e de um novo milênio), por graves problemas econômicos, sociais e políticos. O debate que se realiza na Unicamp, a partir deste início

de julho, sob o título geral de "Brasil Século Vinte e Um", visa repensar as reais perspectivas do país. Para o reitor Paulo Renato Souza, idealizador da série de seminários, "se é difícil ter hoje uma visão otimista, tampouco podemos dizer que não há saída".

Jornal da Unicamp — O Sr. retoma o debate histórico em profundidade num momento em que o país está profundamente mergulhado em problemas de conjuntura, como a dívida externa, a questão dos juros, a votação da Constituinte etc. Não se estaria aí incorrendo numa espécie de contracorrente?

Paulo Renato — Num certo sentido sim, e acho que esse é o propósito confesso do seminário. Eu, particularmente, sempre tive a preocupação com temas da área econômica, com a questão da discussão das tendências de médio prazo. A minha tese de doutorado, por exemplo, é uma tese que examina as grandes tendências de distribuição de rendas, a evolução de salários e do emprego. No caso da economia brasileira, a minha vida profissional toda foi marcada por essas preocupações de médio a longo prazo, e na minha área eu observo que nos anos 80 se abandonou esse tipo de discussão. Levando essa preocupação a vários professores da Universidade, a colegas da reitoria, enfim, nós constatamos que essa não é apenas uma questão da economia. O problema é mais amplo: se abandonou, de fato, a discussão sobre a política industrial, sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, se abandonou a idéia de um projeto para o país — e essa idéia existiu no passado. Basta ver, por exemplo, que ao longo da década de 50 se discutiu a questão do desenvolvimento industrial, dos efeitos disso sobre a mão-de-obra, sobre a distribuição de rendas e sobre várias outras questões. Durante a década de 60 as grandes preocupações foram as questões da miséria, da marginalidade e das favelas. Na década de 70 pouco se repensou a questão do desenvolvimento a longo prazo com o propósito de estabelecer uma visão crítica sobre as propostas iniciais de desenvolvimento industrial e sua repercussão sobre a sociedade brasileira. Mais do que isso, nós observamos que essa não é apenas uma tendência, é o abandono das discussões de longo a médio prazo. Não é apenas um problema do Brasil mas de toda a América Latina, infelizmente. Nós observamos que padecem desses mesmos problemas os organismos internacionais da região.

JU — O Sr. imagina por que isso está ocorrendo?

Paulo Renato — É difícil uma resposta simples a essa pergunta, porque eu acho que se misturam aí questões teóricas e históricas, e até mesmo questões conjunturais. Na área, digamos, abstrata do debate das idéias, nós observamos que as décadas de 60 e 70 foram muito ricas na análise da evolução da sociedade, especialmente a do Terceiro Mundo. Quanto aos problemas do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, me parece que nós chegamos há alguns becos sem saída, há alguns pontos mortos na discussão que levaram a um certo desalento no próprio sentido do debate teórico. Do ponto de vista histórico, entendo que a própria crise de todas as sociedades, com os modelos de organização política e social que nós observamos mais recentemente, especialmente a partir dos anos 60, a crise do modelo americano, a Guerra do Vietnã, a falta de perspectiva no próprio bloco socialista em termos do avanço na questão da liberdade, o encaminhamento das soluções dos problemas econômicos mais imediatos da população, enfim, algumas dessas questões também levam a um certo desalento na preocupação com as tendências de médio e longo prazos. Outro aspecto importante é que os fatores conjunturais têm a ver com a emergência de problemas sérios, como a inflação e o endividamento, que passaram a ser sufocantes para as nossas economias. Todos os demais problemas passaram a ser subordinados a esses, que são problemas que estão até de certo ponto correlacionados e não deram tempo para que se pensassem questões de maior abrangência.

Paulo Renato: "o país perdeu o hábito de discutir seus problemas a longo prazo".

JU — Em algum momento o Brasil chegou realmente a fazer projeções a longo prazo?

Paulo Renato — Já, sem dúvida. Acho que, nos anos 50, quando tínhamos toda a discussão sobre o caráter da revolução brasileira. As pessoas certamente se lembrarão do debate da aliança do proletariado com a burguesia nacional, para que ocorresse a revolução burguesa no Brasil, e toda a contraposição a essa proposta, mostrando que, de fato, a revolução burguesa já havia ocorrido e que a aliança principal para o Brasil industrial seria até com setores internacionais. Havia a participação de uma série de personalidades, sociólogos e políticos brasileiros nessa discussão. Do ponto de vista econômico, nós tivemos nos anos 50 a formulação do plano de metas. Durante os anos 70, com o presidente Geisel, houve um programa de infra-estrutura que possibilitou o desenvolvimento industrial do país. Mesmo a Revolução de 64 foi inspirada num modelo de médio prazo; os militares, quando chegaram ao poder, tinham a idéia de um projeto para o país. Hoje, nós observamos que ninguém, nenhum setor industrial brasileiro tem qualquer projeto para o país, e isso é grave.

JU — Teóricos como Edgar Morin, Alain Touraine, Alexandre Znoviev e Abel Aganbeguian não têm trabalhado propriamente sobre questões futurológicas. Que espécie de contribuição se espera deles?

Paulo Renato — A intenção do seminário não é fazer futurologia, mas resgatar a discussão das tendências passadas de desenvolvimento da sociedade e com isso poder estabelecer alguma discussão sobre as próximas tendências. E a contribuição que esperamos desses pensadores e intelectuais estrangeiros é justamente o debate das tendências de evolução da sociedade a nível internacional e de outras questões importantes, como o futuro do capitalismo e do socialismo, as conseqüências das utopias que foram tão caras ao pensamento deste século, enfim, qual o balanço que fazemos hoje, no final do século 20, da Modernidade, que foi a característica deste e do século anterior. Modernidade vista como uma capacidade, da sociedade, de refletir e de conduzir o seu próprio desenvolvimento. Então, acho esse balanço fundamental para que possamos nos próximos cinco seminários, a partir de agosto, aprofundar a discussão sobre as questões brasileiras à luz da interpretação, sobre as perspectivas de evolução mundial da sociedade no campo da economia, da política, da ciência e da tecnologia, entre outros aspectos, para que a discussão sobre o Brasil possa então estar inserida no debate maior das tendências globais.

JU — O Sr. acha que as utopias se esgotaram e que estamos necessitando de outras?

Paulo Renato — Eu diria que as chamadas utopias clássicas, formuladas ao longo do século passado e no começo deste século, de alguma forma foram levadas à prática. Houve pelo menos a tentativa de levá-las à prática. Exemplo disso são as experiências socialistas a partir da revolução soviética em vários países, a experiência fascista na Itália e na Alemanha, a experiência democrática em alguns momentos da história deste século na Europa (e nos Estados Unidos de forma permanente), a tentativa de uma política desenvolvimentista nos países do Terceiro Mundo, a tentativa de levar o progresso econômico, social e político aos países da América Latina, da África e da Ásia... Foi tentado tudo, com enorme esperança e não pequenas frustrações. Portanto, eu diria hoje que a sociedade parece que está um pouco ressabiada em relação às utopias, porque se dá conta de que a implementação das idéias sociais, por melhor intencionadas que sejam, leva quase que paralelamente a uma grande dose de frustração. Então, não sei se precisamos de novas utopias, mas talvez de mais realismo para analisar as propostas das utopias, para analisar os problemas de implementação dessas idéias e, talvez, então, poder tirar lições que levem ao aperfeiçoamento dos atuais sistemas de organização econômica, social e política.

JU — O Sr. escreveu uma vez que a maioria dos conceitos com que trabalhamos hoje no Brasil foi engendrada em décadas anteriores. No campo da economia, por exemplo, como demonstrar isso?

Paulo Renato — Eu tenho a impressão que a primeira vez em que o discurso começa a incorporar propostas para o desenvolvimento da sociedade brasileira é a partir dos anos 30. Antes, surgiram algumas propostas do Visconde de Mauá, no século passado. Fiz parte de uma banca que analisou o pensamento econômico implícito nos discursos de Vargas desde o começo do século, mas não há dúvida que é a partir dos anos 30 que o pensamento econômico do país começa a refletir as questões do desenvolvimento da sociedade e a formular propostas para o futuro. Tivemos, por exemplo, uma grande contribuição do Roberto Simonsen e mesmo da equipe econômica que estava por trás de Vargas, formada por Celso Furtado, Inácio Rangel, Rômulo de Almeida, economistas que nos anos 40 e 50 foram aos poucos formulando proposta para o desenvolvimento da sociedade brasileira, nas quais se colocava muita ênfase e muita esperança no processo de industrialização e suas conseqüências, como fundos sociais para a população, empregos, salários, merendas etc. A década de 60 nos surpreendeu com o aumento da marginalidade, ou seja, a industrialização e a migração para as cidades não tiveram como conseqüência a absorção dos migrantes de uma forma adequada, como ocorria em outros países e como se esperava que ocorresse também no caso brasileiro. Depois, nos anos 70, tivemos a discussão crítica das próprias idéias iniciais de industrialização. Não uma crítica que procurasse resgatar os autores clássicos a partir de Marx ou Keynes, ou a crítica das propostas iniciais dos nossos economistas da década de 50. De repente, nós nos vemos nos anos 70 simplesmente usando os mesmos conceitos, repetindo as mesmas críticas, ou repetindo as mesmas conotações originais das décadas anteriores. Eu tenho lido o que se tem produzido, tenho participado de bancas de tese e, infelizmente, a verdade é que nós não temos na economia nenhum conceito novo desenvolvido nos anos 80.

JU — Em termos globais, que idéia o Sr. faz do Brasil no século 21? Um país moderno e inserido na economia mundial? Um país livre das naturais sujeições impostas pela dívida impagável? Até que ponto essa é uma utopia possível?

Paulo Renato — Bom, é difícil fazer idéia de como será o país no próximo século, justamente porque me parece que nós estamos atravessando uma crise muito profunda, com muitas indefinições que impedem a formulação, com algum grau de certeza, de uma visão otimista ou mesmo de uma visão pessimista. Sequer podemos dizer que o Brasil não tem saída, não tem futuro, porque obviamente tem potencialidade para se transformar numa nação com certo grau de desenvolvimento, com equilíbrio social, com justiça na distribuição de renda, transformando-se num país moderno e democrático, que incorpore as grandes massas na direção dos interesses comuns, com a participação da população. Eu acho que esse é um caminho que não está fechado para o Brasil. Então, se não há razões neste momento para ser otimista, também não há razões para ser pessimista. Este é um ponto muito importante. Preferia, ao invés de fazer essa análise de futurologia, falar da utopia que eu tenho para o Brasil do século 21, que é a de que seja realmente um país com menores desigualdades sociais, com melhor distribuição de renda, com melhor acesso da população aos benefícios do crescimento econômico, com menor disparidade salarial... Isso certamente será alcançado através de uma crescente participação da população e de todos os segmentos nas decisões, e será alcançado sobretudo com muito trabalho, com muita competência, com muita qualidade em tudo o que se faz. Não podemos sacrificar a qualidade na educação, na saúde e na habitação. Para atender emergencialmente problemas que existem no país, mas que não podem ser encarados apenas do ponto de vista conjuntural, em sua gravidade momentânea. Eu acho que nós temos que fazer bem aquilo que fazemos e fazer com qualidade, com competência. Nós não podemos cair na tentação do populismo da educação, por exemplo; nós não podemos cair na tentação de estabelecer para as grandes camadas da população uma educação de segunda categoria. Se isso ocorre hoje, teremos mais adiante que lutar pela superação e não pela consolidação do problema.

JU — Finalmente, que contribuição a Unicamp espera dar ao país com um debate dessa natureza?

Paulo Renato — Eu acho que a principal contribuição já está dada: chamar a atenção para a necessidade do debate. Nós temos tido uma grande repercursão da idéia da realização do Seminário, muitas pessoas têm ligado, escrito e debatido essa questão. Obviamente nós pretendemos que o debate tenha boa qualidade, que surjam idéias, que surjam propostas que possam ser, de alguma forma, incorporadas ao debate das grandes políticas nacionais daqui para frente. **(P.C.N. e E.G.)**

Brasil século XXI

Tem início o grande debate

Os debates referentes à primeira semana do projeto "Brasil Século XXI", promovido pela Unicamp, começam a partir do dia 4 de julho, segunda-feira, no Centro de Convenções da Universidade. Dele deverão participar os mais renomados "scholars" brasileiros e estrangeiros como Alain Touraine, Alessandro Pizzorno, Leszek Kolakovski, Alexandre Znoviev, Philippe Schmitter, Edgar Morin, Florestan Fernandes, Hélio Jaguaribe, Maria da Conceição Tavares e Roberto Schwarz, entre outros.

O principal propósito desse ciclo de debates — sempre na primeira semana de cada mês — é, segundo o reitor Paulo Renato Souza, idealizador do encontro, "revalorizar a idéia do debate prospectivo de ampla visão histórica, com ênfase na reflexão e na discussão das tendências futuras da realidade brasileira, assim como dos rumos e das alternativas para além da virada do século". Voltado para a realidade brasileira, esse encontro — totalizando seis semanas de duração até dezembro — vai examinar especialmente as tendências do desenvolvimento nacional e internacional nos campos da economia, da tecnologia, da evolução social e política e do desenvolvimento cultural e artístico.

Conferências paralelas

Aos salões de debates só terá acesso um público especialmente convidado de 150 pessoas. Mas os eventos, no entanto, serão retransmitidos para todo o campus da Universidade através de circuito-fechado de TV. Além disso, haverá lugar para a realização de conferências paralelas com a finalidade de iluminar as discussões centrais e permitir o contraponto de diferentes abordagens e opiniões.

"Brasil Século XXI" será composto de cinco temas básicos: "Tendências mundiais em sociedade e pensamento, ciência e tecnologia"; "Ciência e tecnologia na sociedade tecnológica: perspectivas brasileiras"; "As perspectivas da economia brasileira"; "Sociedade e política"; e "Cultura: produção e representação simbólica". (A.R.F.)

O programa

1.ª Semana: "Tendências Mundiais". Coordenador: Luciano Martins

Dia	Tema	Participantes
04/07 9h30	"Concepções de história e representação do futuro"	*Alain Touraine, Alexandre Pizzorno, Perry Anderson, Paulo Renato Costa Souza e Luciano Martins.*
05/07 9h30	"Evolução interna do capitalismo e do socialismo na perspectiva do século"	*Philippe Schmitter, Adam Przerworski, Alexandre Zinoviev e Claus Offe.*
06/07 9h30	"Novos paradigmas do conhecimento científico"	*Edgar Morin, Stephen Jay Gould e Israel Vargas.*
07/07 9h30	"Problemas da construção democrática"	*Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz Carlos Bresser Pereira.*
15h00	Painel de debates	*Fernando Henrique Cardoso, Guillermo O'Donnel, Wanderley Guilherme, Francisco Weffort e Paulo Sérgio Pinheiro.*
08/07 8h30	"As transformações na economia e a geometria mundial do poder"	*Osvaldo Sunkel, Bárbara Stallings, Abel Aganbeguian e Robert Gilpin.*

2.ª Semana: "As perspectivas da Economia Brasileira". Coordenador: Mário Luiz Possas

Dia	Tema	Participantes
01/08 8h30	"A inserção brasileira na economia mundial"	*Marcílio Marques Moreira, Maria da Conceição Tavares e Pedro Malan.*
15h00	"A questão da divida externa"	*Dilson Funaro, Mônica Baer, Adroaldo Moura da Silva e Luiz Gonzaga Belluzzo.*
02/08 8h30	"Perspectivas estruturais da indústria"	*Márcio Fortes, Antônio Barros de Castro, Fernando Fajnzylber e Wilson Suzigan.*
15h00	"As transformações estruturais na agricultura"	*João Sayad, José Graziano da Silva, Guilherme Leite Dias e Geraldo Müller.*
03/08 8h30	"O sistema financeiro"	*Luiz Carlos Bresser Pereira, Mário Henrique Simonsen e André Lara Rezende.*
15h00	"Financiamento do setor público"	*José Serra, Sulamis Dain e Fernando Rezende.*
04/08 8h30	"Pobreza e desenvolvimento"	*Paulo Renato Costa Souza, Edmar Bacha e Carlos Lessa.*
15h00	"A questão regional"	*Isaac Kerztnetzky, Wilson Cano e Paulo R. Haddad.*
05/08	Mesa-redonda de debate geral	*Alguns dos participantes das sessões anteriores e convidados especiais:*

3.ª Semana: "A Ciência e Tecnologia na Sociedade Tecnológica". Coordenador: Hélio Waldman

Dia	Tema	Participantes
29/08 8h30	"Informática: tendência e perspectiva"	*Tomasz Kowaltowkski e Mário Ripper.*
15h00	"A ciência na sociedade tecnológica"	*Rogério César Cerqueira Leite, Pierre Aigrain e Hebe Vessuri.*
30/08 8h30	"Biotecnologia: tendências e perspectivas"	*Antônio Celso Novaes Magalhães e Jan Leemans.*
15h00	"O trabalho na sociedade tecnológica: perspectiva do Terceiro Mundo"	*Luciano Galvão Coutinho, Benjamin Coriat e Elizabeth Concetta Silva.*
31/08 8h30	"Novos materiais: tendências e perspectivas"	*Francisco Carlos Prince e Joel Clark.*
15h00	"A autonomia tecnológica nos países do Terceiro Mundo: necessidades e possibilidades"	*José Rubens Dória Porto, Jean Jacques Salomon e Amílcar Herrera.*
01/09 8h30	"Energia: tendência e perspectivas"	*Alcir José Monticelli e Rogério César Cerqueira Leite.*
15h00	"Tecnologia moderna e meio ambiente"	*Fábio Feldman, Henrique Rattner, Perseu Fernando dos Santos, Luiz Carlos Meneses, Elisabete Monosowski e Gilberto Gallopin.*
02/09 8h30	"Os desafios tecnológicos da urbanização e da distribuição populacional"	*Jorge Wilheim.*
15h00	"Medicina e ética na sociedade tecnológica"	*José Aristodemo Pinotti e Mahmoud Fathala.*

4.ª Semana: "Sociedade e Política". Coordenador: Vilmar Faria

Dia	Tema	Participantes
03/10 8h30	"População brasileira"	*Elza Berquó, José Alberto Magno de Carvalho e George Matine.*
15h00	"Os processos de diferenciação e de homogeinização social"	*Juarez Rubens Brandão e Paul Singer.*
04/10 8h30	"Campo e cidade na virada do século"	*Octávio Velho e José de Souza Martins.*
15h00	"Articulação de interesses"	*Francisco Correa Weffort e Leôncio Martins.*
05/10 8h30	"Regime político e governabilidade"	*Hélio Jaquaribe, Luciano Martins e Bolívar Lamounier.*
15h00	"A representação e os partidos políticos"	*Orlando de Carvalho, Fábio Wanderley Reis e Wanderley Guilherme dos Santos.*
06/10 8h30	"Pobreza e exclusão social"	*Paulo Renato Costa Souza, Paulo Sérgio Pinheiro e Ruth Cardoso.*
15h00	"Justiça social e políticas de governo"	*Paulo Renato Costa Souza e Sônia Draibe.*
07/10 8h30	"A sociedade e política no Brasil do futuro"	*Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe, Florestan Fernandes é Celso Furtado.*

5.ª Semana: "Cultura: Produção e Representação Simbólica da Sociedade". Coordenadores: Carlos Vogt, João Batista da Costa Aguiar e Nelson Brissac Peixoto.

Dia	Tema	Participantes
07/11 8h30	"Cultura popular-cultura de massa-cultura erudita"	*Marilena Chauí, Carlos Vogt, Antônio Cândido, Roberto Schwarz, Gabriel Cohn e Sérgio Micelli.*
08/11 8h30	"As representações simbólicas do real"	*Susan Sontag, Silviano Santiago, Ismail Xavier, Rodrigo Naves e Eduardo Subiratis.*
09/11 8h30	"A questão da modernidade"	*George Yudice, Perry Anderson, Otília Arantes, Jair Ferreira dos Santos, Nelson Brissac Peixoto, Walter Zanini e Máximo Canevazzi.*
10/11 8h30	"O papel das vanguardas"	*Hal Foster, Peter Burger, Olgária Matos, Teixeira Coelho, Rodrigo Naves, José Miguel Wisnick, Celso Favaretto, Urias Correa Arantes e Paulo Venâncio.*
11/11 8h30	"Arte e tecnologia"	*Arlindo Machado, Laymert Garcia dos Santos, Paul Virilio e Sérgio Paulo Rounaet.*

Znoviev, Aganbeguian, Morin, Offe, Pizzorno e outras estrelas

Abaixo, um breve perfil dos debatedores e expositores que participarão da primeira semana de seminários:

Alain Touraine, sociólogo francês da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, autor de vasta obra sobre a sociedade industrial e os países da América Latina, como "Sociologie de L'Action", "Production de la Société" e "Les Societés Dependantes".

Alessandro Pizzorno, sociólogo italiano, atualmente integrando o corpo docente do Instituto Universitário Europeu de Florença, autor de inúmeros livros e ensaios, entre eles "Introduzione allo Studio della Participazione Politica", "Political Exchange and Collective Identity in Industrial Conflict", e "On the Rationality of Democratic Choice".

Alexandre Znoviev, lógico-matemático soviético, dissidente com residência em Munique, autor de inúmeras obras de ficção política e de sociologia sobre a sociedade soviética, entre as quais "Les Hauters Béantes", "Sans Illusions" e "Homo Sovieticus".

Claus Offe, sociólogo alemão, da tradição da Escola de Frankfurt, é professor na Universidade de Bielefeld (Alemanha Ocidental), autor, entre outras obras, de "Contradictions of the Welfare State", 'Industry and Inequality", "Social Class and Social Policy", e "Structural Problems of the Capitalist State".

Philippe Schmitter, cientista político norte-americano, professor da Stanford University, autor de vários trabalhos sobre a representação de interesses nas sociedades de capitalismo maduro e nas sociedades em desenvolvimento, entre eles "Interest Conflict and Political Change in Brazil" e editor de "Transitions from Authoritarian Rule".

Adam Przeworski, cientista político polonês, professor de ciência política na Universidade de Chicago, autor de "Democracy as a Contingent Outcome of Conflict", "The Structure of Class Conflict in Democratic Capitalist Societies", "Social Democracy as a Historical Phenomenon", e "Some Problems in the Study of the Transition to Democracy".

Edgar Morin, sociólogo francês, do Centre National de la Recherche Scientifique, autor de vasta obra sobre política, cultura e ciência; dedica-se atualmente a uma reflexão sobre o desenvolvimento da ciência, através de livros como "La Nature de la Nature", La vie de la vie" e "Pour Sortir du XX Siécle".

Stephen Jay Could, cientista norte-americano, professor de biologia e história da ciência na Universidade de Harvard, autor de vários livros sobre a história natural, entre os quais "Ever Since Darwin", "The Panda's Thumb", e "The Mismeasure of man".

Robert Gilpin, cientista político norte-americano, professor da Universidade Princeton, autor de prestigiosos livros e ensaios sobre a economia e a política internacional, entre eles "The Politics of Transnational Economic Relations" e "The Multinational Corporation and National Interests" (estudo realizado para o Senado dos Estados Unidos).

Anibal Pinto, economista chileno, ex-diretor da Divisão Econômica da Cepal, autor de diversos livros, ensaios e artigos sobre as economias latino-americanas e as relações centro-periferia.

Osvaldo Sunkel, economista chileno, ex-diretor da Cepal, professor convidado da Universidade de Sussex, autor de obras sobre a economia internacional e a América Latina.

Barbara Stallings, economista e cientista política norte-americana, professora da Universidade de Winsconsin e membro do Center for Research in Politcs and Society, autora de diversas obras relacionadas à economia internacional e às economias latino-americanas, entre as quais se destaca "Class Conflict and Economic Development in Chile, 1958/1973", estudando atualmente as relações entre o Japão, os Estados Unidos e a América Latina.

Abel Aganbeguian (a confirmar), economista soviético, um dos principais assessores de Mikhail Gorbachev, autor do livro "Perestroika, le Double Défi Soviétique". É tido como o formulador da política econômica da "Perestroika".

Informática, Unicamp dá novo salto

Concentrando diariamente perto de 25 mil pessoas em atividades tão diversas quanto as que se poderia esperar de uma instituição voltada para o ensino e a pesquisa tecnológica, a Unicamp enfrenta hoje sérios problemas de saturação de seus sistemas computacionais, aliada, naturalmente, a uma demanda reprimida desses serviços. Reverter essa situação, desenvolvendo uma rede de comunicação integrada, racionalizando recursos de **hardware** e **software**, aumentando a capacidade de processamento e de resto cobrindo essa demanda, é o objetivo do "Plano Diretor de Informática" (PDI) que a atual administração está implantando. Uma ferramenta que possibilitará a execução mais rápida do processo é um computador de grande porte que a Universidade acaba de adquirir, o "IBM 3090/150 E", o único no gênero a ser instalado em uma universidade latino-americana.

"A implantação de um sistema de grande porte permitirá à Unicamp, pela primeira vez, atender à demanda científica, didática e administrativa em bases consentâneas com a importância da Universidade", afirma o reitor Paulo Renato Souza. "Queremos homogeneizar informações e integrar as diversas áreas através de um sistema comum, para evitar que a Unicamp se transforme em uma Torre de Babel eletrônica ao longo dos próximos anos", garante Antonio Mário Antunes Sette, presidente do Conselho Deliberativo do Centro de Computação da Universidade, órgão responsável pela coordenação do PDI.

Sustentada por uma filosofia pluralista que compreende ainda a participação de múltiplos fabricantes e equipamentos integrados, a nova política de informática da Unicamp pretende elevar o grau de participação da comunidade na reestruturação do processo administrativo, agilizando o fluxo de informações com o auxílio de grandes bancos de dados corporativos. Na área de pesquisa, a mais heterogênea e que maior demanda exerce sobre os recursos computacionais da Unicamp — a Universidade possui 40% de seus alunos em cursos de pós-graduação e detém a liderança de pesquisa em várias áreas de tecnologia de ponta — a compra do equipamento IBM, por exemplo, se traduzirá em profundas mudanças na perspectiva do pesquisador, seja ele docente ou aluno. Dotado de uma unidade de processamento vetorial, capaz de reduzir o tempo de cálculos científicos em até dez vezes, o novo computador vai permitir aos pesquisadores experientes em computação numérica de grande porte, a realização de pesquisas fora do alcance das condições atuais e permitir que outros cientistas aprendam a usá-lo para a solução de seus problemas sem a necessidade de sair do país.

As áreas de pesquisa da Unicamp que já possuem projetos para a utilização do processador vetorial são a Física de Plasma (na solução das equações de simulação de fluidos), a Física Atômica e Molecular (em problemas envolvendo colisão de elétrons com átomos ou moléculas, ou em estudo de moléculas de interesse farmacológico), a Química Quântica, a Física de Sólidos (em cálculos de propriedades de metais e semicondutores), e a Engenharia de Petróleo, na determinação dos reservatórios. "Um mainframe com essa tecnologia é um marco muito importante da implantação do PDI", define Luiz Roberto de Castro Siqueira, superintendente do Centro de Computação.

Ele observa, porém, que paralelamente ao esforço de dotar a Universidade de uma máquina sofisticada, existe a preocupação de capacitar a comunidade universitária para uma interação segura e eficiente com o novo sistema. Tanto que o primeiro passo da reforma ora em execução foi identificar as principais deficiências e necessidades dos usuários através de uma ampla consulta. "A responsabilidade pela estratégia de implementação do sistema está sendo do usuário."

Siqueira revela que o novo computador desempenha sozinho tarefas que são hoje executadas por três outros "mainframes" instalados no campus, e duplicará a capacidade de armazenamento/processamento do sistema computacional da Universidade, atualmente em 22.5 gigabytes. Será possível também ampliar a comunicação da Unicamp com redes internacionais. O "IBM 3090/150 E" tem uma memória central que varia entre 32 e 256 megabytes (milhões de caracteres), expansível até 2.048 megabytes. A linha "3090" é considerada a mais sofisticada entre os computadores da IBM em todo o mundo, incorporando o recurso do "megachip", a última novidade no desenvolvimento de chips de memória, capaz de armazenar um milhão de bits em uma pastilha de 6,35mm por 12,3mm.

O equipamento foi adquirido após autorização do governador Orestes Quércia e parecer favorável do Conselho de Informática do Estado. Para a escolha do "mainframe", a Unicamp realizou concorrência pública, onde a vencedora foi a IBM. O Banespa financiará a compra do computador (comercializado com a Universidade por US$ 1,7 milhão, a metade de seu valor real de mercado), após aprovação de empréstimo pela Assembléia Legislativa. A instalação no Centro de Computação — que será ampliado para receber o novo equipamento — está prevista para setembro. O PDI também vai proporcionar o aumento do atual parque de microcomputadores da Universidade de 700 para 900 unidades, ampliando as chances de acesso e consulta aos bancos de dados por parte dos docentes, quer de suas salas no campus quer de suas residências. **(P.C.N.)**

Com o 3090, o Centro de Computação será o mais bem equipado da América Latina.

Siqueira: "Um marco na implantação do Plano-Diretor".

Biblioteca incorpora acervo em disco laser

A Biblioteca Central da Unicamp, que rapidamente vem informatizando seus serviços, acaba de incorporar ao seu acervo a base "Lilacs" de dados bibliográficos da área médica em compact-disc (CD), ou disco laser, um sistema para armazenamento de informações que começa a revolucionar a informática. O disco e o equipamento completo para a recuperação das informações — micro de 16 bits, impressora e a leitora a laser —, foram doados pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS). A Unicamp, que integra uma rede latino-americana de instituições escolhidas pela OPAS para o recebimento periódico de atualizações dos dados, compromete-se a colaborar na manutenção da base de dados com informações geradas na Universidade na área de Ciências da Saúde.

A base de dados recebida pela Unicamp contém 30 mil referências de documentos publicados ou não, produzidos na região Latino-Americana e do Caribe a partir de 1980 e coletados pelas instituições dos países participantes da rede, coordenada pela Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), em São Paulo. Segundo Ada Tereza Martinelli, vice-diretora da Biblioteca Central, o sistema representará uma sensível redução de custos e tempo, uma vez que o acesso a informações como as disponíveis nos CDs ainda é possível apenas consultando grandes bancos de dados via Renpac ou redes internacionais. Permitirá, também, que a Unicamp adquira bases de outras áreas de interesse da Universidade e dos usuários de suas 22 bibliotecas.

Utilizando a mesma tecnologia que permite a reprodução de músicas sem ruídos e distorções, os CDs estão se revelando um instrumento versátil na informática. Rápido, barato e capaz de guardar muito mais dados — um só disco de 5,75 polegadas contém 600 milhões de bytes, contra 360 mil de um disquete comum —, o disco laser é um poderoso arquivo de dados para os microcomputadores equipados para ler os dados gravados. O mercado brasileiro ainda não oferece esse sistema, mas nos EUA, segundo estimam especialistas, as vendas de CDs atingirão US$ 300 milhões nos próximos dois anos.

FAP dá mais autonomia à pesquisa

As universidades brasileiras são responsáveis por 80% das pesquisas desenvolvidas no País. A maioria dessas pesquisas é determinada por agentes externos. O próprio Ministério de Ciência e Tecnologia definiu, recentemente, cinco áreas prioritárias: mecânica de precisão, química fina, biotecnologia, informática e novos materiais. Com o objetivo de estimular, financiar e apoiar projetos e atividades acadêmicas relevantes para a Universidade, em especial aquelas cujo financiamento junto aos agentes de fomento à pesquisa apresentem dificuldades, a Unicamp criou o Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP). Somente no primeiro trimestre deste ano, o FAP concedeu 7.900 OTNs distribuídas em quatro áreas: exatas, biológicas, humanas e tecnológicas. A área de humanas, que normalmente apresenta mais dificuldades na obtenção de recursos, foi responsável pela captação de 2.100 OTNs, benefícios superiores aos da área de tecnologia, que recebeu 2.000 OTNs e de exatas que obteve 1.600 OTNs.

"A criação do FAP tornou viável o desenvolvimento de pequenos projetos de pesquisa, complementando a atuação dos agentes tradicionais", diz o pró-reitor de Pesquisa da Unicamp Hélio Waldman, também secretário executivo do Fundo. Segundo ele, o órgão procura dividir equitativamente pelas diversas áreas da Universidade os recursos destinados tanto para a realização de projetos quanto para subsidiar a participação da Unicamp em congressos no Brasil e no exterior, a concessão de prêmios de estímulo à produção intelectual ou científica, a publicação de livros, a realização de congressos, exposições e outras iniciativas de interesse acadêmico ou científico.

Universidade Moderna

Para o coordenador do programa de pós-graduação do Departamento de Multimeios do Instituto de Artes, Etienne Samain, "o FAP soube promover e proporcionar, no âmbito da Universidade, um frutuoso diálogo entre as diferentes áreas, permitindo que através de suas respectivas contribuições ou pesquisas se estabelecesse, enfim, uma teia de relações decisivas e urgentes na criação de uma universidade moderna", diz.

Embora nunca tenha encontrado dificuldade de auxílio junto aos agentes financiadores, Etienne lamenta que ainda haja discriminação. "Nota-se clara preocupação dos grandes agentes financiadores em investir em projetos cujo retorno seja rápido, fato dificilmente registrado com pesquisas da área de humanas." Com o apoio do FAP e também do Ministério da Cultura, o pesquisador realiza o projeto "Musicografia dos índios Urubu - Kaapor", que consta de um álbum com 2 LPs (selo Unicamp) e um encarte com artigos de pesquisadores de diferentes outras áreas.

Outro docente que já utilizou benefícios oferecidos pelo FAP é o prof. Ítalo Tronca, do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Em janeiro deste ano, fez uma viagem a Manaus e cidades vizinhas, região onde se registra o maior foco de hanseníase do Brasil e provavelmente da América Latina. Para o pesquisador, "o FAP promoveu uma oportuna abertura para a área de humanas, que sempre foi a prima pobre da academia".

Tronca destaca que as barreiras encontradas junto às agências federais são ainda consideráveis. "É em boa hora que o Conselho Científico do FAP se mostra sensível à área de humanas", diz. No momento, o pesquisador está pleiteando apoio institucional para dublagem de quatro vídeos sobre hanseníase, em inglês e espanhol. "Pretendemos apresentá-los em países latino-americanos e europeus", diz.

Funcionamento

Do projeto em perspectiva ao trabalho executado com recursos do FAP, o candidato, que pode ser professor, aluno ou técnico, deve submeter a proposta, sob a responsabilidade de um docente, à avaliação do Conselho Científico, que é presidido pelo próprio reitor. Ajudam a compô-lo os pró-reitores de pesquisa e de pós-graduação, os ex-reitores da Unicamp, o assessor de recursos extra-orçamentários, dois conselheiros de cada área (exatas, humanas, biológicas, tecnológicas e artes), representantes dos alunos de pós-graduação, de graduação, além de representantes do Finep, Fapesp, Funcamp e SBPC.

O Fundo de Apoio à Pesquisa está dividido em três linhas de atuação: FAP 1, que consiste no programa de apoio à pesquisa; FAP 2, que é o programa especial de incentivo à pesquisa; e o FAP 3, que presta apoio à área médica. Os recursos do FAP provêm de uma taxa administrativa de 10% aplicada sobre os convênios firmados pela Unicamp com outras instituições ou empresas. Metade dessa taxa é destinada ao Apoio Institucional da Unidade (AIU), mecanismo adotado com o objetivo de captar recursos para o instituto ou faculdade responsável pelo convênio firmado. Os 5% restantes caem nos cofres do FAP. "Alguns agentes financiadores resistem ao pagamento da taxa", diz o prof. Waldman. Segundo ele, nem sempre é possível para essas instituições contabilizar tal gasto. "Entretanto, a Universidade é flexível", diz. "Se o convênio for de interesse da comunidade científica, certamente será celebrado."

O FAP 2 foi criado a partir de uma verba de Cz$ 20 milhões concedida à Unicamp pelo governo do Estado em fins de 1986. Organização de congressos, visitas de professores estrangeiros, reequipamentos de laboratórios são alguns dos benefícios gerados pelo FAP 2. Para a distribuição desses recursos foram criados 12 subprogramas para atendimento direto das necessidades da Universidade. Do montante doado pelo governo, 2/3 do dinheiro já foram gastos. "Trata-se de uma verba limitada que poderá ser acrescida de novos recursos através da criação de mecanismos em estudo", afirma Waldman. O suporte financeiro do FAP 3 é oriundo dos recursos gerados pelas taxas de ressarcimento incidentes sobre o convênio com o Inamps. Desse montante, 40% são direcionados para a pesquisa médica; 60% são destinados ao FAP 1.

O Fundo de Apoio à Pesquisa da Unicamp foi criado no final da gestão anterior e reestruturado a partir de maio de 1986, com o surgimento da Pró-reitoria de Pesquisa. O fundo tem recebido por volta de 170 solicitações por trimestre, das quais consegue atender, segundo Waldman, a cerca da metade. Os interessados em pleitear apoio junto ao FAP para o trimestre outubro-dezembro deverão entrar com o pedido até o dia 18 de agosto. A próxima reunião do Conselho Científico acontecerá dia 26 de setembro e os resultados serão divulgados em seguida. Outras informações a respeito do FAP podem ser obtidas pelos telefones 39-1142 e 39-1301 — ramal 2699. **(A.C.)**

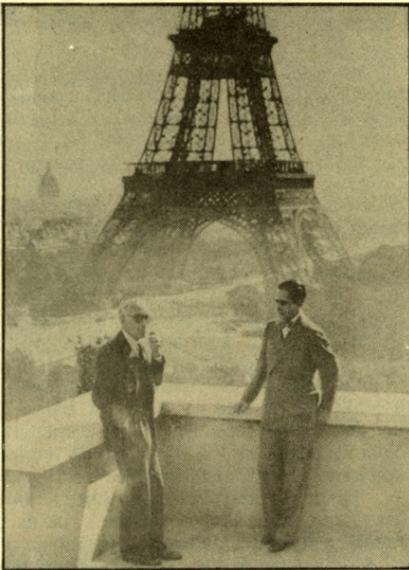
Tronca: oportunidade para a prima pobre.

Etienne: a arte musical dos Kaapor, graças ao FAP.

Uma lenda chamada Paulo Duarte

"Fondue Valaisanne"

"De início, pegue uma panela funda de barro. Neste recipiente, em cujo fundo se esfregou um dente de alho, coloque-se a quantidade necessária (conforme o número de pessoas) de queijo Gruyére cortado fino em fatias e em pequenos pedaços. Quando derreter, ponha-se uma garrafa inteira de vinho Neuchatel ou Fendant du Valais (vinhos brancos e secos). Depois de derretido o queijo, adicione-se um bom cálice de "Kirch" suíço também, misturado com pouco menos de uma colher de sopa de farinha de maisena. Caso o queijo se recuse a misturar-se com o vinho formando uma pasta homogênea, junte-se um pouco mais de maisena e essa teimosia boba dos dois amigos desaparecerá."

A gravata borboleta, marca registrada do homem de mil ofícios.

Em Paris, ao lado do antropólogo Paul Rivet: exílio

A receita não foi extraída de livro algum de culinária e seu autor não é um gastrônomo, embora se orgulhasse de ter, entre suas virtudes, a de ser um bom gourmet. Afinal, o jornalista, professor, historiador e antropólogo Paulo Duarte comia bem e bebia bons vinhos — vinhos secos franceses, por sinal — com o mesmo prazer com que escrevia, conversava e lutava por suas convicções ideológicas, filosóficas e político-partidárias. Inconformista incorrigível, era reconhecido onde quer que estivesse por um adorno tão simplório quanto sua personalidade: uma gravata-borboleta. Tinha coleções delas. Ganhou a primeira aos 15 anos e nunca mais se livrou da mania. Aos curiosos, dizia que não usava gravata como adorno nem por elegância. "Essas coisas não me comovem. Não faço vida social, não tenho interesse em ser elegante ou não", argumentava. Morreu em 1984, aos 84 anos, deixando atrás de si uma carreira caracterizada por uma fértil e atribulada participação nos destinos políticos do país, o que lhe valeu, inclusive, dois períodos de exílio.

Sua militância, porém, deu-se muitas vezes de maneira um pouco mais branda, na forma de correspondências e artigos que escrevia para jornais e revistas — principalmente para o "O Estado de S. Paulo", onde exerceu as funções de redator-chefe — com virulentas criticas ao regime. Essa documentação, composta ainda de manuscritos, recortes, impressos, fotografias, dossiês de personalidades da vida politico-cultural do país (e que eram seus amigos íntimos como o escritor Mário de Andrade, o poeta e linguista Amadeu Amaral e a pintora Tarsila do Amaral, de quem guardou trabalhos originais e inéditos), além de uma série de objetos diversos, estão reunidos em um arquivo próprio na Unicamp.

Considerado um dos maiores arquivos pessoais do país — são mais de 150 mil documentos, cerca de duas mil fotos e mais de dois mil slides —, o acervo é o mais extenso dos fundos privados em poder da Unicamp. Foi recolhido pelo "Arquivo Central" da Universidade em agosto de 1985, e encontra-se em sua forma original, em arquivos de aço e em pastas criteriosamente organizadas pelo próprio jornalista. "Paulo Duarte era extremamente organizado e tinha o hábito de guardar tudo que encontrava pela frente", revela Neire do Rossio Martins, diretora do "Arquivo Central". Segundo ela, essa particularidade, que destoava do resto do gênio irrequieto de Paulo Duarte, tem facilitado muito o trabalho de catalogação do acervo por parte da equipe de bibliotecárias e arquivistas do departamento.

"Alfeu Caniço"

Cientista, pesquisador, professor universitário, jornalista, poeta, político, revolucionário e conspirador, Paulo Duarte combinava com maestria diversas personalidades — e parecia ter prazer em representar diferentes papéis. Tanto que escreveu inúmeros artigos sob os mais estranhos pseudônimos: Alfeu Caniço, Caniço Filho, Gabica Dinis e Tuté Borba. E remexer seus arquivos na Unicamp é um fascinante ato mágico de desvendar cada uma dessas facetas. Por exemplo: a curiosidade e volúpia de Paulo Duarte por novos conhecimentos, mesmo nas áreas mais exóticas, não conhecia limites. Chefiando um dos departamentos de antropologia do Museu do Homem, em Paris, a convite do antropólogo Paul Rivet, realizou vários cursos sobre a pré-história americana, demonstrando grande interesse pelo estudo das jazidas do período neolítico existentes no Brasil. Entusiasmado, passou a defender a preservação dos sambaquis (espécie de santuário onde os primitivos habitantes do litoral brasileiro jogavam seus restos e enterravam seus mortos, geralmente rodeados de conchas) da costa brasileira em várias campanhas e não sossegou até fundar o museu de pré-história da USP e criar a cadeira de pré-história na Universidade. Mas ele era assim mesmo: determinado e disposto às mais extravagantes atitudes quando perseguia um objetivo.

Esse temperamento forte ficou evidente na Revolução Constitucionalista de 1932, onde atuou como um dos organizadores do movimento. Combatendo no Vale do Paraíba, comandou um trem blindado que funcionava como cobertura móvel para as manobras da II Divisão de Infantaria. Também apoiou a Revolução de 1930 e durante o movimento político-militar de março de 1964 lutou pela preservação da autonomia universitária, afetada pelas inúmeras demissões e "aposentadorias" de muitos professores. Tal militância valeu-lhe inúmeras prisões e dois exílios, o primeiro de 1932 a 1933, passado em Lisboa e em Paris, e o segundo em 1939, em Nova York.

Nessa última ocasião protagonizou um episódio cinematográfico, relatado no livro "Prisão, Exílio, Luta", que escreveu em 1946. Paulo Duarte conseguiu obter informações e documentos que relatavam os planos de Hitler com relação à América Latina, nos quais estava incluída a ocupação de parte da Amazônia. De posse desses dados, embarcou clandestinamente para o Brasil com o objetivo de apresentá-los ao Ministro da Guerra, Eurico Dutra, alertando-o para os riscos de uma invasão germânica, e convencendo-o a promover um golpe de Estado que depusesse Getúlio Vargas, em virtude da simpatia do então presidente para com o movimento nazista. Como era inimigo do Estado Novo, Duarte corria o risco de ser preso, e por isso usou uma fantástica estratégia para disfarçar-se: alterou seu nome para P.A. Monteiro (apenas escolheu as iniciais de seu nome verdadeiro, Paulo Alfeu Monteiro Duarte), colocou óculos escuros, um bigode postiço e — surpresa maior — uma gravata comum. Paulo Duarte sem gravata borboleta? Seus inimigos jamais poderiam supor essa possibilidade, e ele conseguiu entrar no país sem ser incomodado. Foi a primeira e última vez que Paulo Duarte usou uma gravata diferente. **(P.C.N.)**

Pró-reitores debatem currículo mínimo

O encontro reuniu 30 pró-reitores de Graduação.

Até que ponto o currículo mínimo das universidades brasileiras atende ao perfil de formação profissional que se deseja? Há muito essa questão vem preocupando alunos, educadores e professores do terceiro grau. Mais recentemente o Ministério da Educação (MEC), numa tentativa de melhor adequar o currículo aos moldes e afinidades das instituições, anunciou que poderá "liberá-lo" para que seja elaborado pelas próprias universidades.

A questão do currículo básico foi um dos temas debatidos durante o I Encontro Regional de Pró-Reitores de Graduação, realizado em Campinas, em junho, do qual participaram 30 pró-reitores de universidades das regiões Sudeste e Centro-Oeste. O "Jornal da Unicamp" ouviu quatro desses professores — Laura Maria Furtado de Abreu (UFMT), Eliana Saviero Stein (UCG), Vanessa Guimarães Pinto (UFMG) e Antonio Mário Sette (Unicamp). As opiniões são distintas. Todavia, são unânimes num ponto: a questão do currículo mínimo é um problema sério e requer uma revisão urgente e minuciosa.

Para a prof.ª Eliana Saviero, a inadequação do currículo mínimo fixado pelo MEC é criticada pela maioria das universidades brasileiras, "pois é notória a defasagem entre um currículo viável e adequado aos existentes nas escolas de nível superior, em relação ao que o aluno, depois de formado, irá aplicar em sua vida profissional". Há muitas universidades preocupadas em refazer suas formulações curriculares e voltá-las não só para as aptidões pessoais mas também para as necessidades sociais. "Isso revela que essas universidades vêm ousando pensar em disciplinas, ementas e programas que não fazem parte do currículo mínimo, mas, de acordo com as características da realidade onde se inserem, têm papel importante na formação profissional dos estudantes."

Definir perfil

Vanessa Guimarães Pinto explica que, por outro lado, existem cursos na própria UFMG que a sociedade ainda não definiu claramente o que espera deles. Nesse caso, cabe à própria instituição definir esse perfil através da elaboração de disciplinas para melhor preparar os seus alunos para enfrentar o mercado de trabalho.

A prof.ª Laura Furtado de Abreu, da UFMT, afirma, taxativamente, que "o que ocorre com o nível de graduação na universidade brasileira é que esta não está, efetivamente, atendendo às necessidades do mercado de trabalho profissional". A grande dificuldade da instituição universitária é acompanhar o processo evolutivo do mercado no que diz respeito às suas necessidades profissionais. "Quanto à profissionalização", diz ela, "esta só se dá, de fato, na própria empresa em que o graduado vai atuar".

Se por um lado existem cursos cujo currículo mínimo é inadequado em relação ao mercado profissional, por outro, segundo o prof. Antonio Mário Sette, pró-reitor de Graduação da Unicamp, há cursos em que não se pode eliminar esse currículo mínimo — como os cursos de medicina e engenharia civil, por exemplo, que têm total condição de formar profissionais bastante competentes.

"O que já estamos fazendo é uma reavaliação detalhada dos cursos de graduação, pois esse é um problema que precisa ser revisto, porque há sinais evidentes de que a coisa não está caminhando muito bem por aí", diz ele.

O prof. Sette preparou um estudo — "Ensino de Graduação na Unicamp: Diagnóstico e Diretrizes" — onde propõe alternativas para uma política educacional visando aprimorar a qualidade do ensino de graduação na Universidade. E dá um exemplo: estimular a atividade docente, com a criação de mecanismos que possam avaliar a real prática didática para fins curriculares, além de estimular a realização de simpósios sobre o ensino da graduação nas unidades, onde estejam incluídos a discussão sobre o currículo mínimo, o sistema de ensino por crédito ou seriado e ou Ciclo Básico — disciplinas de serviços. **(A.R.F.)**

DE OUTROS CAMPI

IEB: 25 anos — Em comemoração a seus 25 anos de existência, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB) estará promovendo ao longo deste ano várias atividades voltadas para a cultura brasileira. Além de uma programação especial de MPB, através da FM-USP, o IEB promoverá em outubro a "Semana Sérgio Buarque de Holanda", que contará com palestras e debates. Ainda dentro das comemorações de aniversário, o IEB lançará o "Guia dos Acervos" e divulga o recente trabalho em vídeo que fala sobre os acervos e atividades da unidade. Fundado por Sérgio Buarque de Holanda e dirigido atualmente pelo prof. Ruy Gama, o IEB é especializado no estudo da cultura brasileira. Biblioteca, Arquivo e Coleção de Artes Visuais Mário de Andrade são os setores que prestam serviços aos estudiosos e pesquisadores interessados no assunto.

Ciência em debate — Educadores dos cursos de química, física, geociências, biologia, matemática e ciências do 1.° grau estarão reunidos, de 24 a 27 de julho, no VI Simpósio Sul Brasileiro de Ensino de Ciências, promovido pela Universidade Estadual de Londrina, Paraná. O objetivo do encontro é aprimorar o ensino de ciências no país, através de debates. Informações pelo fone (0432) 27-5151, ramal 21.

Pesquisa na comunicação — A UFPR foi escolhida para sediar o I Simpósio da Região Sul de Comunicação Social. O encontro, reunindo estudantes e professores, será desenvolvido nos dias 5, 6 e 7 de outubro e deverá contar com a participação de 50 pessoas dos três estados do Sul. A discussão será em torno da pesquisa nas três áreas da comunicação social — jornalismo, relações públicas e publicidade e propaganda. O encontro tem o apoio científico e cultural do CNPq e da UFPR.

Criação de rãs em Cuba — Idealizado pelo prof. Samuel Lopes Lima, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), já a partir do segundo semestre deste ano começará a ser implantado em Cuba o sistema de criação intensiva de rãs "anfigranja". O sistema, já em funcionamento no ranário experimental da UFV, utiliza galpões com piscinas, abrigos e cochos especialmente desenhados e testados para atender às necessidades básicas das rãs. As principais vantagens do anfigranja sobre os sistemas tradicionais são a obtenção de mais rãs por metro quadrado e a redução do tempo de crescimento à metade. Com a implantação do sistema, o governo de Cuba, um dos maiores exportadores de carne de rã do mundo, pretende recuperar sua produção ranícola, que já foi de 900 toneladas por ano e baixou a 200 toneladas no ano passado.

Concurso literário para deficientes — Destinado a escritores, inéditos ou não, residentes em qualquer parte do país, já se encontram abertas as inscrições para o 2.° Concurso Nacional de Contos para Autores Deficientes Físicos. Cada autor poderá concorrer com até dois contos inéditos, com no máximo cinco folhas cada. Os deficientes visuais, impossibilitados de apresentar seus contos datilografados, poderão fazê-lo em uma fita cassete gravada com voz clara e dados gravados no final do conto. Informações e inscrições à Rua Abilio Soares, 353, CEP 04005, São Paulo, ou pelo fone 884-1506.

Irrigação: tema de monografias — A Associação Brasileira de Irrigação (Abid) está lançando um concurso de monografias para profissionais, acadêmicos e secundaristas na área de irrigação. O prêmio vai contemplar os trabalhos a serem desenvolvidos nas áreas de engenharia, agronomia e economia da irrigação, política econômica, planejamento e administração da agricultura irrigada. Os trabalhos deverão ser enviados à Secretaria Geral da Abid até o dia 1.° de agosto deste ano. Os prêmios serão entregues durante o VIII Congresso Nacional de Irrigação e Drenagem a ser realizado no dia 15 de outubro, em Santa Catarina, e têm os valores de 400 OTNs para as categorias profissional e acadêmica e 200 OTNs para os secundaristas. Informações serão dadas pelo fone (061) 226-9301.

Arte: concurso abre inscrição — Estão abertas até o dia 30 de agosto as inscrições para o concurso de monografia sobre "A gravura de arte no Paraná", promovido pela Secretaria da Cultura, Museu de Arte do Paraná e Funarte. O prêmio ao melhor trabalho será de Cz$ 50 mil. A monografia, que não deverá ultrapassar 20 laudas datilografadas, deve ser apresentada em três vias, papel ofício, datilografado em espaço duplo e identificada com pseudônimo. Informações: Museu de Arte do Paraná, Rua Kellers, 289, ou pelo fone (041) 225-7117, ramal 41.

Canções de Chico são tema de pesquisa

No mês de julho, o compositor, dramaturgo, ficcionista e poeta Chico Buarque de Holanda volta aos palcos universitários onde iniciou sua carreira nos anos 60. Chico apresenta no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp seu show "Francisco", que já percorreu as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, sempre com a casa lotada. E não era para menos. Há 15 anos Chico Buarque não se apresentava em público. Coincidentemente, nesta primeira semana de julho, a professora Adélia Bezerra de Meneses, do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), participa de um Congresso sobre "A representatividade da mulher na América Latina". Lá, Adélia apresenta seu mais recente trabalho de pesquisa: "A figuração do feminino na canção de Chico Buarque".

"Quem quiser saber mais sobre as mulheres que consulte os poetas", já dizia Freud ao fim do seu ensaio sobre "A Feminilidade". Adélia, que já escreveu uma tese de doutoramento sobre o tema "o percurso poético de Chico Buarque e a trajetória política no país, de 64 para cá", debruça-se agora sobre a temática feminina inspirada nas canções de Chico. Ao analisar as músicas do "poeta social", a pesquisadora detecta "um discurso feminino não enquanto enunciado por mulher, mas enquanto uma fala em que aflora o desejo da mulher, em que ela se revela". Ao revelar e desvendar a mulher nas canções de Chico, a evolução social do papel feminino fica transparente nos diferentes comportamentos captados nas letras do compositor.

"Um artesão da linguagem"

A temática do desclassificado, do marginalizado, está sempre presente nas músicas de Chico Buarque. Ora são os pedreiros, os pivetes, os operários, os malandros, os escravos e as mulheres. Ao elaborar letras onde aborda as questões que estão por trás desse grupo social, Chico Buarque "dá voz àqueles que em geral não têm voz", explica Adélia. Para ela, Chico é um verdadeiro "artesão da linguagem. As palavras, com ele, adquirem, na sua fluidez, algo de alquímico, algo de mágico".

No livro *Desenho Mágico — poesia e política em Chico Buarque*, fruto da mesma tese de doutoramento, Adélia já havia percebido a importância do elemento feminino nas canções de Chico. Essa pesquisa foi elaborada sem uma única entrevista com o compositor mas apenas em cima de seu trabalho. "Nós somos da mesma geração. A gente não se conhecia, mas freqüentávamos os mesmos espaços, no início dos anos 60, como um barzinho perto da Rua Maria Antônia, no bairro de Higienópolis, em São Paulo, onde ficava a Faculdade de Filosofia da USP, que eu cursava, e nas imediações da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), que Chico fazia. "Pedro Pedreiro" nasceu num desses barzinhos, como o próprio Chico já falou", relembra a pesquisadora.

Chico: o poeta social.

"As mulheres de Chico"

O enfoque do atual trabalho de Adélia, que será em breve transformado em livro, é a trajetória da mulher e a evolução de seu comportamento. São várias as mulheres de que trata Chico. Ao analisar as marcas de que se reveste o feminino em suas canções, o masculino nunca está ausente. "Evidentemente, ao se desvendar o texto, o autor também se desvenda, se revela como o crítico social que é. Toda a obra de Chico evidencia sua evolução. 'Não é porém uma evolução linear', diz ela, mas em espiral. Há sempre uma volta, uma retomada ao núcleo, ao centro, no qual se inspira. E a temática feminina, como já disse Caetano, é a **anima** dele."

Há várias figurações do feminino nas canções de Chico. Pode-se começar por *Januária* bem como a "moça feia" da *Banda*, e *Carolina*, mulheres que estão "na janela". Depois, como se verá, essas mulheres irão para a rua — e para a vida. Há a mulher guerrilheira de Calabar, a *Bárbara*: nessa canção onde Chico faz um jogo de palavras contando a história de Bárbara que, proibida de pronunciar o nome de Calabar, no refrão "*CALA* a boca *BÁR*bara", é esse nome que diz: CALABAR. No canto feminino, está inscrita a marca do homem. No interdito, descobre-se o dito.

Há a *Joana*, da peça "Gota D'Água", a mulher forte. "A antepassada de Joana pode ser uma personagem que já esteve presente uma década atrás na canção 'Sem Fantasia'. Considero essa canção como um conto de fadas, quase um rito de iniciação. 'Ela desatinou' é uma espécie de porta-estandarte de 'O que será', uma festa dionisíaca, uma explosão em que o erótico e o político convergem num mesmo movimento libertador cósmico. É especialmente nessa canção que se pode apreender como a postura utópica ilumina a face sombria da História, os marginalizados", exemplifica Adélia. (O que será que será/Que vive nas idéias desses amantes/Que cantam os poetas mais delirantes/Que juram os profetas embriagados/Está na romaria dos mutilados/Que está no dia-a-dia das meretrizes/Que está na fantasia dos infelizes/No plano dos bandidos, dos desvalidos.)

Nas canções de Chico, ao mesmo tempo em que a mulher contempla a vida através da janela ("Carolina"), também briga por seu homem ("Bárbara"), é a mulher do desejo e da utopia ("Sentimental"), da alienação, do embate na relação homem-mulher vista do viés da luta de classes ("Se eu fosse teu patrão".) É também a mulher do "Cotidiano" (Todo dia ela faz tudo sempre igual/Me sacode às 6 horas da manhã/Me sorri um sorriso pontual/E me beija com a boca de hortelã) que, como demonstra Adélia em seu trabalho, "é a antítese da mulher órfica".

A evolução das mulheres de Chico, das mulheres que começam na janela e terminam na rua, está indicada, de acordo com a pesquisadora, numa única canção: *Ela e sua janela*. Há aí um movimento feminino, "um percurso que figura a evolução da mulher na canção de Chico Buarque", ressalta Adélia.

"Ela e sua menina/Ela e seu tricô/Ela e sua janela, espiando/Com tanta moça aí/Na rua o seu amor/Só pode estar dançando/De sua janela/Imagina ela/por onde hoje ela anda/E ela vai talvez/Sair uma vez/Na varanda. Ela e o fogareiro/Ela e seu calor/Ela e sua janela, esperando/Com tão pouco dinheiro/Será que o seu amor/Ainda está jogando?/Da sua janela/Uma vaga estrela/E um pedaço de lua/E ela vai talvez/Sair outra vez/Na rua. Ela e seu castigo/Ela e seu penar/Ela e sua janela, querendo/Com tanto velho amigo/O seu amor num bar/Só pode estar bebendo/Mas outro moreno/Joga um novo aceno/E uma jura fingida/E ela vai talvez/Viver duma vez/A vida".

"Há aí na canção 'Ela e sua janela', diz Adélia, uma progressiva gradação da atitude feminina, um desenvolvimento progressivo da mulher, no sentido de dentro para fora. Assim, ao longo da canção, a mulher que *está na janela* vai para a *varanda* (1.ª estrofe), para a *rua* (2.ª estrofe) e para a *vida* (3.ª estrofe). A mulher sai do 'interior do lar', do recesso da casa (espaço a ela reservado pelos cânones convencionais de uma certa sociedade) e se projeta no espaço aberto, sem molduras, da rua — para viver duma vez a vida". **(G.C.)**

Adélia e a temática feminina.

Pugliesi traz 'grammy' brasileiro

O prof. Paulo Pugliesi, do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp, foi um dos contemplados no "1.° Prêmio Sharp de Música", divulgado em maio último, no Rio de Janeiro. Pugliesi ganhou o primeiro lugar na categoria regional, com o arranjo do disco "Clareia", do cantor e compositor campineiro Zeza Amaral. Segundo o músico da Unicamp, a receita da vitória contou com dois ingredientes básicos: unidade e equilíbrio. Preocupado em não descaracterizar a melodia, Pugliesi diz que "o segredo está em saber dosar os instrumentos."

Para o arranjador, a conquista do prêmio foi resultado de um trabalho conjunto, a começar pelas composições. "As condições de trabalho foram perfeitas", diz. Segundo ele, a matéria-prima oferecida por Zeza Amaral é bastante rica, permitindo trabalhar a melodia, a harmonia e o ritmo com criatividade. Além disso, o professor da Unicamp destaca as importantes participações de músicos renomados como Oswaldinho do Acordeon, do saxofonista Pique Riverti e do baixista Pedro Ivo (ambos já fizeram trabalhos com César Camargo Mariano) e do percussionista Papete, que traz em seu currículo trabalhos ao lado de Gal Costa e Milton Nascimento, entre outros.

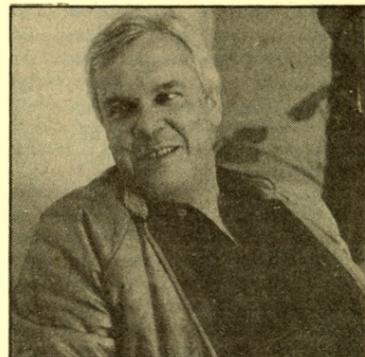
Zeza: ganhando espaço.

O "1.° Prêmio Sharp de Música" — considerado o **Grammy** brasileiro — chega em boa hora, tanto para o compositor quanto para o arranjador. Ambos consideram muito importante o troféu conquistado entre 5.112 discos concorrentes. Para Zeza Amaral, é a chance de começar a ser visto com mais carinho pelos críticos e **disc jockeys**. Para Pugliesi, a conquista vem ratificar sua versatilidade: além de ter ganho o Projeto Guarani, com arranjos de música erudita, ele acaba de preparar arranjos para shows de música sertaneja.

"A proposta do prêmio vem ao encontro de antiga ansiedade dos músicos brasileiros", analisa Zeza Amaral. "A conquista do prêmio deve despertar ainda mais o interesse da gravadora e facilitar a penetração do disco junto ao grande público". Mesmo antes da divulgação do resultado, "Clareia" já conquistava discretamente algum espaço junto às grandes FMs do país, como Bandeirantes e Jovem Pan.

Trata-se de um trabalho regional, com características bem brasileiras. As rádios de Fortaleza dão preferência à faixa "Terra Treme"; no sul da Bahia, o espaço maior é para a música "Prosa"; no Centro-Sul, "Saudade Morena" e, no Sul "Clareia" e "Olho de Boi". Foram prensadas apenas 15.000 cópias, das quais 2.000 destinadas à divulgação. A quantidade destinada à venda se esgotou rapidamente. "O disco se diluiu pelo país", lamenta Zeza.

"Clareia" é fruto de um trabalho de quinze anos. Paradoxalmente, a música mais antiga, "Galho de mangueira", composta em 1969, é considerada a mais avançada em termos de pontuação. Pugliesi enriqueceu a composição ao preparar um arranjo "jazzístico". A música mais recente, "Prosa", composta durante as gravações, é a mais simples. Embora a estrutura melódica seja repetitiva, a letra é poética. "É um trabalho que tem conseqüência cultural", avalia Zeza. "As músicas são sempre atuais".

Paulo Pugliesi está ligado ao Departamento de Música desde 1975, quando deixou a Orquestra Sinfônica do Estado. Além de "Clareia" ele assina com Zeza Amaral o show "Terra Treme", seu trabalho anterior. No momento está empenhado em fazer arranjos para o show atual de Zeza, intitulado "Bandeiras da Noite." "Trata-se de um trabalho de música, paixão e boêmia", diz o cantor, que conta ainda com as participações de Cláudia Moreno e Teco Seade. A mudança de gênero musical de um trabalho para o outro não assusta Zeza. Segundo ele, é o início de uma nova fase e deve ser respeitada. **(A.C.)**

Pugliesi: arranjo vitorioso.

ENCONTROS

Deficiência I — O Centro de Reabilitação "Prof. Gabriel Porto" vai realizar nos próximos dias 1.° e 2 de julho o III Simpósio Problemática de Deficiência Auditiva. As palestras serão realizadas no salão I do Centro de Convenções, das 8h30 às 18 horas. Informações com Silvânia Ferrari, fone 2-1452.

Deficiência II — Promovido ainda pelo Centro de Reabilitação "Prof. Gabriel Porto", será realizado também nos dias 1.° e 2 de julho o II Simpósio Educação Física para Pessoas Portadoras de Deficiências. O evento será desenvolvido no salão III do Centro de Convenções, com palestras das 8h30 às 18 horas. Outras informações pelo fone 2-1452.

Conhecimento Geológico — O Departamento de Metalogênese e Geoquímica do IG/Unicamp estará promovendo no período de 5 a 7 de julho, a partir das 8h30, o I Colóquio Brasileiro de História e Teoria do Conhecimento Geológico, no salão I do Centro de Convenções. Mais informações pelo fone 39-1074.

Computação — O Departamento de Computação do Imecc estará promovendo no período de 7 a 15 de julho a VI Escola de Computação. As conferências serão realizadas nos salões I e II do Centro de Convenções e no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp, das 8h30 às 18 horas. Informações através dos ramais 3442 e 2470.

Geociências no 3.° Grau — A área de Educação Aplicada às Geociências do Instituto de Geociências da Unicamp estará promovendo de 11 a 15 de julho o Simpósio Especializado em Ensino de Geociências no 3.° Grau: Avaliação de sua Influência na Prática Docente. O simpósio será desenvolvido no salão nobre e salas de aula da Faculdade de Educação, sempre a partir das 8h30. Outras informações pelo ramal 3301.

Cristalografia — No período de 18 a 26 de julho, nos salões I e II do Centro de Convenções, às 8h30, será realizada a X Reunião da Sociedade Brasileira de Cristalografia e Novos Materiais e workshop: Instrumentação para Luz Sincroton. A promoção do evento é do Laboratório de Luz Sincroton do Instituto de Física Gleb Wataghin. Informações pelo fone 51-2624 ou ramais 2591 e 2274.

Substâncias Químicas — De 18 a 20 de julho, às 8h30, no salão III do Centro de Convenções, workshop sobre Avaliação do Risco de Substâncias Químicas. O evento é uma realização da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), área de Ciências de Alimentos. Outras informações pelo ramal 2890.

Inteligência Artificial — O Centro de Tecnologia da Unicamp, em conjunto com o Centro Tecnológico para a Informática (CTI), vai realizar no próximo dia 26 de julho palestra com o prof. Homero Schneder sobre A Inteligência Artificial: aplicações industriais, pesquisas e desenvolvimentos. A palestra será no salão III do Centro de Convenções e terá início às 8h30. Informações pelo ramal 2640.

Aplicações de Vácuo — O Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) estará realizando, de 27 a 29 de julho, nos salões I e III do Centro de Convenções, o IX Congresso Brasileiro de Aplicações de Vácuo na Indústria e na Ciência. As conferências terão início a partir das 8h30. Maiores informações pelo telefone 39-3424.

Cineclubes — A Pró-reitoria de Extensão e o Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) irão promover, de 25 a 29 de julho, a 22.ª Jornada Nacional de Cineclubes, no Centro de Convenções da Unicamp, a partir das 8h30.

EM DIA

Unicamp promove concurso de Software — A Unicamp acaba de instituir o I Concurso Interno de Software para Microcomputador. O objetivo do concurso é despertar o interesse de funcionários, alunos e professores da Universidade para a área de Informática, promover o desenvolvimento de "softwares" de múltiplas aplicações criando oportunidades para que todos os interessados apresentem suas realizações, identificar dentro da instituição as pessoas interessadas pela área e utilizar as informações coletadas para subsidiar a criação e manutenção do Banco de Software da Universidade. Os "softwares" inscritos serão avaliados por uma comissão que premiará os dois primeiros classificados em cada categoria — professores, alunos e funcionários —, com os seguintes prêmios: 1.° lugar — um microcomputador Itautec I-7.000 PCxt-11 com dois drivers 5 1/4" e 736 kbytes de memória; 2.° lugar — um microcomputador Itautec I-7.000 PCxt com dois drivers 5 1/4" e 640 kbytes de memória.

40.ª reunião da SBPC em SP — De 10 a 16 de julho será realizada no campus da USP a 40.ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Cerca de 70 sociedades e entidades científicas participam da elaboração do programa, que este ano terá como tema central "Reabilitar, Reerguer, Reconstruir, Restaurar, Reconstituir, Renovar, Retomar a Universidade". A reunião anual da SBPC é considerada um dos principais eventos culturais e científicos do país. Nesses encontros anuais, estudantes de graduação, de pós-graduação e professores de todo o Brasil debatem suas idéias e apresentam suas mais recentes pesquisas. Estima-se a presença de 15.000 pessoas. Além das conferências, simpósios, mesas-redondas, cursos e comunicações, haverá paralelamente exposições, ciclos de cinema, vídeos e muitos shows, num verdadeiro "happening" cultural.

Jubilamento — A questão de jubilamento na Unicamp voltou a ser discutida a partir de decisão tomada pelo Conselho Universitário (Consu), em reunião do dia 17 de maio. Com a regulamentação do assunto, os 54 alunos que se encontravam com seus prazos esgotados tiveram uma prorrogação. Entretanto, a partir de agora, o cumprimento do calendário escolar será mais rígido para evitar que os novos alunos continuem indefinidamente seus cursos, ocupando vagas que poderiam ser pleiteadas por outros. A partir de 1990 o tempo máximo de permanência na instituição para a conclusão dos cursos de graduação será de duas vezes o tempo previsto, acrescido de 10%.

Genética faz 25 anos — O Departamento de Genética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp está comemorando 25 anos de existência. A solenidade de comemoração será realizada no próximo dia 12 de julho, a partir das 10 horas, ocasião em que será descerrada placa em homenagem ao seu fundador, o prof. Bernardo Beiguelman, pró-reitor de Pós-Graduação. O evento será realizado na própria sede do Departamento de Genética Médica, no 2.° andar do prédio do Hospital das Clínicas da Universidade.

Anais do Congresso — O Centro de Memória da Unicamp acaba de receber a doação de uma Coleção dos Anais do Congresso Nacional, no total de 751 volumes, compreendendo os **Annaes do Parlamento Brazileiro** desde o primeiro ano da primeira legislatura — 1826 até 1866 — e os Anais da Câmara dos Deputados, de 1947 a 1986.

A doação ao Centro de Memória foi feita pelo Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, graças ao empenho do deputado campineiro Francisco Amaral.

A coleção constitui uma fonte primária das mais representativas para pesquisas e estudos de História, Sociologia, Geografia, Política, Economia, Estatística, Demografia, Educação, Cultura Brasileira etc., uma vez que traz os debates sobre os grandes problemas nacionais que encontraram no Poder Legislativo o seu fórum por excelência. Assim, as controvérsias, as soluções sócio-político-administrativas, o processo de elaboração das leis estão agora em Campinas ao alcance dos pesquisadores, uma vez que a coleção já se acha aberta à consulta pública.

Campeonato de Karatê — Durante cinco dias, de 3 a 7 de julho, será realizado, no Ginásio Multidisciplinar, um Campeonato Interno de Karatê Shubu-Kan. O evento começa às 8h30 e deverá estender-se por todo o dia.

Vestibular descentraliza exames

Escapando à regra geral das universidades brasileiras, que costumam realizar seus vestibulares exclusivamente em suas cidades de origem, a Universidade de Campinas (Unicamp) fará, no final deste ano, mais uma inovação: irá ao encontro de seus candidatos em Brasília, Curitiba e Rio de Janeiro. Até agora, os exames eram realizados em Campinas, São Paulo e em nove outras cidades do interior paulista.

Desde 1987, quando reformulou totalmente seu vestibular, abolindo os testes de múltipla escolha e introduzindo questões puramente dissertativas, a Unicamp vem procurando dar um caráter nacional a seu concurso de ingresso. O primeiro passo para isso foi, no ano passado, a abertura de postos de inscrições em oito capitais, além do interior paulista. Com a descentralização, agora, também dos locais de exames, a Unicamp torna-se a primeira universidade do país a realizar vestibulares fora de seu Estado de origem.

O reitor Paulo Renato Souza, que há dois anos deflagrou a mudança no perfil do exame tradicional — o que significou, na época, sua desvinculação da Fuvest e a realização de um vestibular próprio —, justifica a expansão dos locais de provas com base na crescente procura pelos cursos da Unicamp. De 1987 para 88, por exemplo, o número de candidatos inscritos saltou de 13 mil para 30 mil. A média de inscritos, que foi de 19 candidatos por vaga, é a mais alta do país. Em 89, a Unicamp espera chegar aos 40 mil candidatos.

Calendário

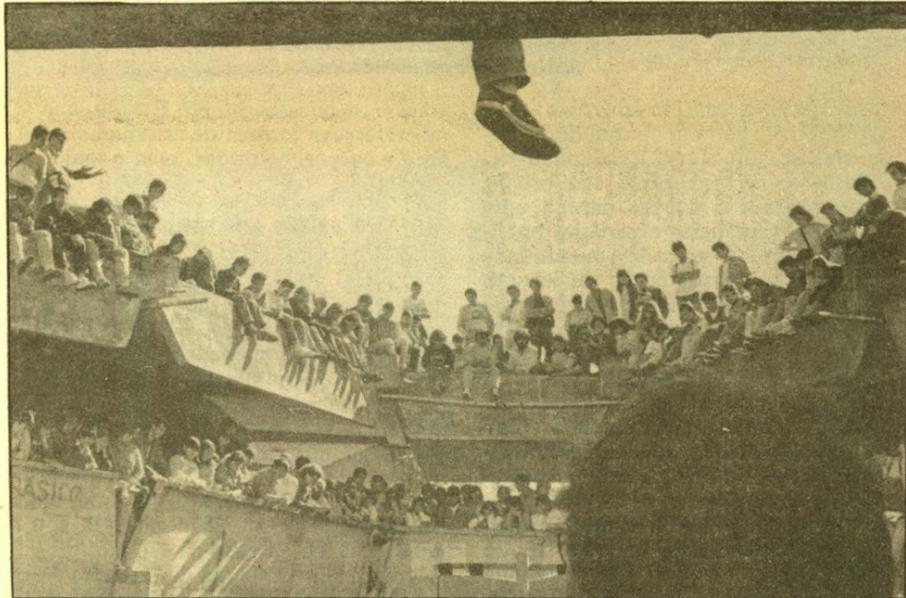
De 22 de agosto a 23 de setembro, cerca de 100 mil manuais de orientação estarão à disposição dos interessados nas agências do Banespa em Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília, Araçatuba, Bauru, Limeira, Piracicaba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santos, São José do Rio Preto e São José dos Campos. Ao adquirir o manual, o candidato recolhe também, na mesma agência, a taxa de inscrição. O passo seguinte é entregar a ficha de inscrição nos postos que a Unicamp instalou nas mesmas cidades para esse fim, e cujos endereços constam do manual. Essa entrega deve ser feita nos dias 24 a 25 de setembro.

A partir daí, o calendário é o seguinte: 27 de novembro, publicação na imprensa dos locais de exames da primeira fase; 4 de dezembro, exame da primeira fase; 1.° de janeiro, publicação da relação dos aprovados para a segunda fase; de 15 a 18 de janeiro, realização dos exames da segunda fase; na seguinte ordem: português e biologia (15/1), química e história (16/1), física e geografia (17/1), matemática e língua estrangeira (18/1).

Os exames

A prova da primeira fase constará de uma redação e mais nove questões envolvendo seis matérias do segundo grau: matemática, física, química, biologia, geografia e história. Para passar para a segunda fase (oito provas distribuídas em quatro dias), o candidato precisará ter um aproveitamento mínimo de 50%. Na segunda fase, estará desclassificado o candidato que tirar nota zero em qualquer das provas ou não reunir a nota mínima (cinco) nas três matérias prioritárias do curso pretendido.

A Unicamp oferecerá no próximo ano cerca de 1.500 vagas, o que representa um acréscimo de 40 vagas em relação ao ano passado. A ampliação se dá em razão da criação do curso de Música Popular, no âmbito do Instituto de Artes, e da duplicação do número de vagas (40, ao todo), na Faculdade de Engenharia Agrícola. (E. G.)

O passeio da câmara

Básico, meio-dia: a verdadeira cena se passa embaixo, mas para o fotógrafo o espetáculo é outro.

TESES

Foram defendidas nas últimas semanas as seguintes teses:

Tese de Doutorado em Mecânica dos Sólidos (FEC). Candidato: Natanael Victor de Oliveira. Orientador: José Roberto de França Arruda. Título da Tese: "Identificação de parâmetros de sistemas mecânicos com aplicação a mancais". 23/5.

Tese de Mestrado em Automação (FEE). Candidato: Álvaro Alberto Brito Llamosas. Orientador: Luís G. Latre. Título da Tese: "Implementação de um controlador PID auto-ajustável". 23/5.

Tese de Doutorado em Eletrônica e Comunicações (FEE). Candidato: Peter Jürgen Tatsch. Orientador: Edmundo da Silva Braga. Título da Tese: "Estudo da viabilidade da oxidação do silício por plasmas em reator planar". 24/5.

Tese de Mestrado em Filosofia da Educação (FE). Candidata: Amarilis Pavani. Orientador: Ruben Alves. Título da Tese: "Arquétipos, fundamento pedagógico a partir da teoria Junguiana". 31/5.

Tese de Mestrado em Psicologia da Educação (FE). Candidata: Silvia Marina Anurama. Orientador: Carlos França. Título da Tese: "A sexualidade feminina institucionalizada, uma realidade em construção". 31/5.

Tese de Doutorado em Ecologia (IB). Candidato: Sérgio Carvalho de Oliveira. Orientador: Woodruff Whitman Besson. Título da Tese: "Sob a interação de formigas com tequi do cerrado, caryocar brasilense cand (caryocaraceae): o significado ecológico de nectários extraflorais". 1/6.

Tese de Mestrado em Térmica e Fluídos (FEC). Candidato: Flávio Galip. Orientador: Raymand Burnyeat Peel. Título da Tese: "Análise do desempenho de um motor de ignição por centelha, alimentado com álcool etílico pré-vaporizado". 1/6.

Tese de Doutorado em Ecologia (IB). Candidato: Antonio Carlos Marini. Orientador: Pierre Charles Georges Montoché. Título da Tese: "Estudo de populações polimórficas de **Thais Haemastoma** *(Linnaeus, 1967), (Gastropoda, prosobranchia), do litoral do Estado de São Paulo". 2/6.*

Tese de Mestrado em Ecologia (IB). Candidata: Rosana Moreira da Rocha. Orientadora: Antonia Cecília Vacagnini Amaral. Título da Tese: "Ascibias coloniais do canal de São Sebastião, SP: aspectos ecológicos". 3/6.

Tese de Mestrado em Metodologia do Ensino. Candidata: Tânia Maria Piacentini. Orientador: José Dias Sobrinho. Título da Tese: "Literatura, universo brasileiro por trás dos livros". 3/6.

Tese de Doutorado em Química Orgânica (IQ). Candidato: Marcos Nogueira Eberlim. Orientadora: Concetta Kascheres. Título da Tese: "Estudo das Reações de Alfa-Diazocetonas com enaminonas. Reatividade e utilidades sintéticas. Novo método de síntese de Pirróis". 3/6.

Tese de Mestrado em Recursos Minerais (IG). Candidato: Sebastião de Oliveira. Oirentador: Saul B. Suslick. Título da Tese: "Diagnóstico do setor de gemas e proposta de um plano de ação para gemas em Minas Gerais". 3/6.

Tese de Mestrado em Lingüística (IEL). Candidata: Eliana M. Severino Donaio. Orientadora: Raquel Saleck Fiad. Título da Tese: "Livro Didático de Português: Artificialidade no Uso da Linguagem". 7/6.

Tese de Doutorado em Tecnologia de Alimentos (FEA). Candidata: Vera Lúcia Pupo Ferreira. Orientadora: Maria Amélia Chaib Moraes. Título da Tese: "Aproveitamento Tecnológico do Broto de Bambu (Dendrocalamus Giganteus Munro)". 8/6.

Tese de Mestrado em Saúde Mental (FCM). Candidata: Alitta Guimarães Costa R. R. da Silva. Orientador: Joel Sales Giglio. Título da Tese: "Adolescência, Modalidades Relacionadas e Utilização de Psicofármacos". 9/6.

Tese de Doutorado em Saúde Coletiva (FCM). Candidato: Ericson Bagatin. Orientador: José R. de Brito Jardim. Título da Tese: "Avaliação Clínica, Radiológica e da Função Pulmonar em Trabalhadores Expostos à Poeira de Sílica". 10/6.

Era cedo demais, Alexandre Eulálio

Desde o último 2 de junho, já não circula pelo campus da Unicamp a figura doce, afável e sempre impressionante do prof. Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha. Morreu de uma parada cardio-respiratória, aos 56 anos, em São Paulo. Com ele se foi não apenas "um dos homens mais cultos e eruditos" da intelectualidade brasileira (Antônio Cândido), como também "um ensaista, crítico, tradutor e professor da mais alta qualidade" (Modesto Carone). No Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), onde lecionava Teoria Literária, a notícia de sua morte trouxe perplexidade, e um generalizado sentimento de orfandade.

A irreversibilidade da perda acordou imediamente no IEL o desejo de preservar a memória de seu ex-professor. Homem de um conhecimento enciclopédico, que escrevia muito. "Ninguém conheceu o Brasil tão amplamente quanto ele", segundo o crítico de teatro Sábato Magaldi. "É uma pena", disse Magaldi ao **O Estado de S. Paulo**, "que não tenha sido mais conhecido popularmente." O crítico espera, contudo, "que seus colegas consigam agora reunir seus ensaios dispersos e divulgar sua obra".

Para que isso venha a acontecer, o primeiro passo será conhecer o que ele deixou. Deixou de tudo: desenhos, gravuras, autógrafos, milhares de fotos, pinturas, objetos de arte, documentos, manuscritos de sua autoria e de outros autores importantes, além de uma alentada biblioteca que deve ultrapassar os 10 mil volumes — todos cuidadosamente encapados, um a um. Seus colegas mais próximos estão, justamente, no momento, mobilizados para o levantamento de verbas visando à aquisição de seu riquíssimo acervo para a Universidade.

"Uma convivência proveitosa"

Desde 1980, quando chegaram juntos à Unicamp, os professores Alexandre Eulálio e Maria Eugênia Boaventura dividiam a mesma sala. "Tinhamos afinidades. Aprendi muitas coisas com ele. Foi uma convivência extremamente proveitosa. Nunca vi uma pessoa com tamanha generosidade intelectual. Distribuía idéias. Jamais conheci alguém como ele", garante Maria Eugênia.

Para a professora Maria Eugênia, que muitas vezes percorreu sebos e livrarias ao lado de Eulálio — que nunca se cansava de lhe indicar títulos e autores —, a imagem mais próxima dele é a de Mário de Andrade, uma figura multifacetada, que transitava com igual desenvoltura ora pelas artes plásticas, ora pela literatura e ora pelo cinema, e era, além disso, um grande especialista em século XIX.

Transitava com igual desenvoltura intelectual dentro e fora do país. Não havia quem não lhe reconhecesse a erudição, pouco comum no mundo de hoje, onde se cultiva mais a especialidade. Altamente perfeccionista, sua produção era intensa e, por isso mesmo, apesar de suas inúmeras e variadas publicações, nem de longe sua quantidade refletia sua efervescência intelectual. Além disso, era "um organizador de produção, um editor, um gerador de idéias em permanente articulação", testemunha Maria Eugênia.

Alexandre transitava com igual desenvoltura pelas artes plásticas, pelo cinema e pela literatura.

Muitos dos acervos incorporados pela Unicamp ao longo dos anos, como os de Sérgio Buarque de Holanda, Cornélio Penna, Müller Carioba, Antoninho Alves de Lima e Alfredo Mesquita, tiveram em Eulálio a figura principal no momento da negociação, do mapeamento. O gosto que mantinha pelo livro impressionava. Era um faro especialíssimo em sebos e livrarias. A Biblioteca do IEL está toda enfeitada com os posters doados por Eulálio, que os preservava através de retoques com lápis e canetas coloridas, com o maior carinho.

A paixão pela cultura

A aquisição do acervo de Alexandre Eulálio pela Unicamp é, na opinião de Adélia Bezerra de Meneses, professora do Departamento de Teoria Literária, a maior homenagem que a Universidade poderia prestar "a esse grande intelectual que a Unicamp e o país acabam de perder". Colocar à disposição dos alunos, professores e da comunidade o acervo reunido pelo prof. Alexandre representará a garantia de continuidade de sua ação cultural, segundo Adélia. "Penso na sua biblioteca como o instrumental de trabalho de um intelectual sensível, informadíssimo e apaixonado pela cultura brasileira", diz.

"A Biblioteca de Eulálio — continua —, que reflete sua presença intelectual ativa e instigante, é orgânica. Através dela podem-se vislumbrar as referências culturais não apenas de um homem, de um intelectual, mas de toda uma geração. Além de trazer as marcas de toda uma evolução intelectual — a marca das escolhas, ou as 'afinidades eletivas' de Eulálio —, sua biblioteca indica também, por outro lado, quais eram seus instrumentos de trabalho. Não somente poderemos acompanhar seu percurso intelectual mas continuar a ter, dele, uma presença permanente e fecunda."

"Um inestimável historiador da arte"

Mais conhecido como literato, Eulálio detinha em casa uma pinacoteca especial. "Ao lado do ensaista, vivia nele o historiador de arte." Segundo Adélia, "a articulação de sua biblioteca ao conjunto de seus quadros é extremamente significativa".

Por "desconhecer as compartimentações do saber", Eulálio era, na opinião do prof. Jorge Coli, com quem ajudou a fundar o recém-criado curso de pós-graduação em História da Arte, no Departamento de História da Unicamp, "tanto um extraordinário historiador da literatura quanto um inestimável historiador da arte". Para Coli, a relação orgânica de Eulálio com a cultura "fazia com que cada ato, cada gesto seu estivesse investido de significação cultural". Os objetos da arte (pinturas, gravuras, desenhos, esculturas) que Alexandre Eulálio reuniu ao longo de sua vida têm, na concepção de Coli, significado próprio. Não se tratava de um mero colecionador, mas de uma pessoa que apreciava e conhecia o valor de cada objeto.

"É preciso que pesquisadores competentes se debrucem sobre o acervo de Alexandre Eulálio", observa Coli. Que teses de literatura sejam feitas a partir dele, que historiadores de arte estabeleçam catálogos, análises e interpretações das obras em questão. Assim, estaremos zelando e fazendo frutificar o riquíssimo legado daquele que será, sempre, um dos mais eminentes professores da Unicamp", conclui. **(G.C.)**

Fala, Amendoeira

Da amendoeira o galho
mais admirativo
torna-se cativo
de Alexandre Eulálio.

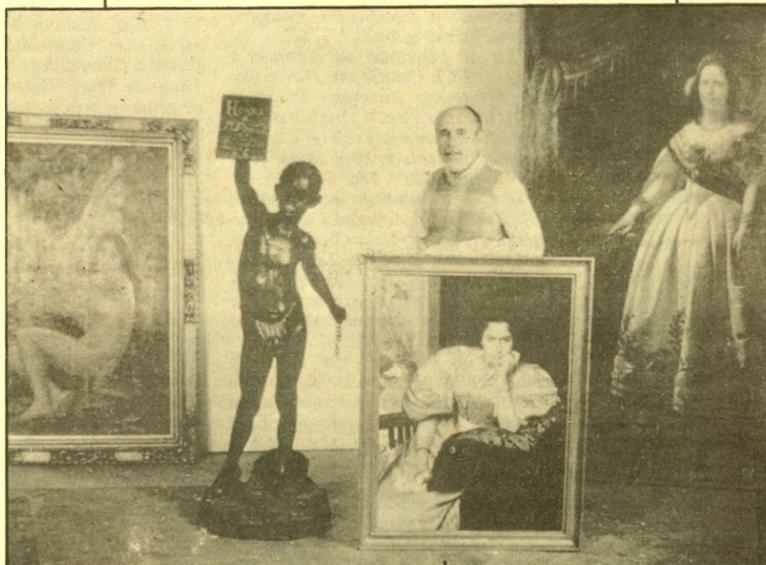
Nele vê o grato
jeito diamantino:
raciocínio exato,
sentimento fino.

Carlos Drummond de Andrade

Poema dedicado a Alexandre Eulálio na folha de rosto do livro Fala Amendoeira. 1.ª edição. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1957.

Um homem enciclopédico

Mineiro de Diamantina (MG), onde nasceu em 1932, Alexandre Eulálio começou por formar-se filósofo na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, a partir daí, seu currículo é tão variado quanto inortodoxo. Redator responsável da "Revista do Livro", órgão do Instituto Nacional do Livro (INL), de 1956 a 1965, sua passagem por lá foi fundamental para a solidificação daquela publicação. Lecionou Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Universitário de Veneza e na Universidade de Harvard (EUA), tendo sido também conferencista visitante nas universidades de Cambridge e Massachusetts, no período de 1968 a 1972. Retornou então ao Brasil para trabalhar como assessor cultural do Ministério da Educação e Cultura, tornando-se, de 1975 a 1979, chefe de gabinete da Secretaria de Cultura do município de São Paulo. Em seus últimos oito anos de vida, foi professor assistente do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Eulálio escreveu muito, mas esparsamente. De sua produção reunida em livro, destacam-se "A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars" (1978), o ensaio "Os Dois Mundos de Cornélio Penna" (1980), e "Os Melhores Poemas de Tomás Antônio Gonzaga" (1983). Deixou inédito o estudo que preparava sobre as "Cartas Chilenas", do mesmo Gonzaga.

Entre suas obras de arte, em São Paulo: não era um mero colecionador.

Colaborou intensamente em jornais e suplementos literários do "O Globo", "Correio da Manhã", "Aconteceu", "Diário de Notícias", "Estado de Minas", "Diário Carioca" e mais recentemente na "Folha de S. Paulo". Reuniu e recuperou a obra do crítico literário e pesquisador Brito Broca (1908-1961), a quem considerava, ao lado de Augusto Meyer e Rodrigo de Mello Franco, seu mestre.

Como tradutor, foi responsável pela versão brasileira de "O belo Antônio", de Vitalino Brancati; do ensaio "Nathanael West", de Santley Edgar Hyman; e da "História Geral da Infâmia", de Jorge Luís Borges.

No cinema, além de ter colaborado decisivamente com o roteiro do filme "O homem do pau-brasil", de Joaquim Pedro de Andrade, dirigiu ele próprio alguns curtas-metragens, como "Memória da Independência:exposição-piloto", um documentário de 17 minutos realizado em 1973; "Arte tradicional da Costa do Marfim", também documentário, este com 20 minutos de duração e realizado um ano depois; e "Murilo Mendes: a poesia em pânico", documentário de 21 minutos. Muitos dos catálogos de exposição de artistas plásticos famosos contam com sua presença marcante de crítico de arte e de profundo conhecedor da área.